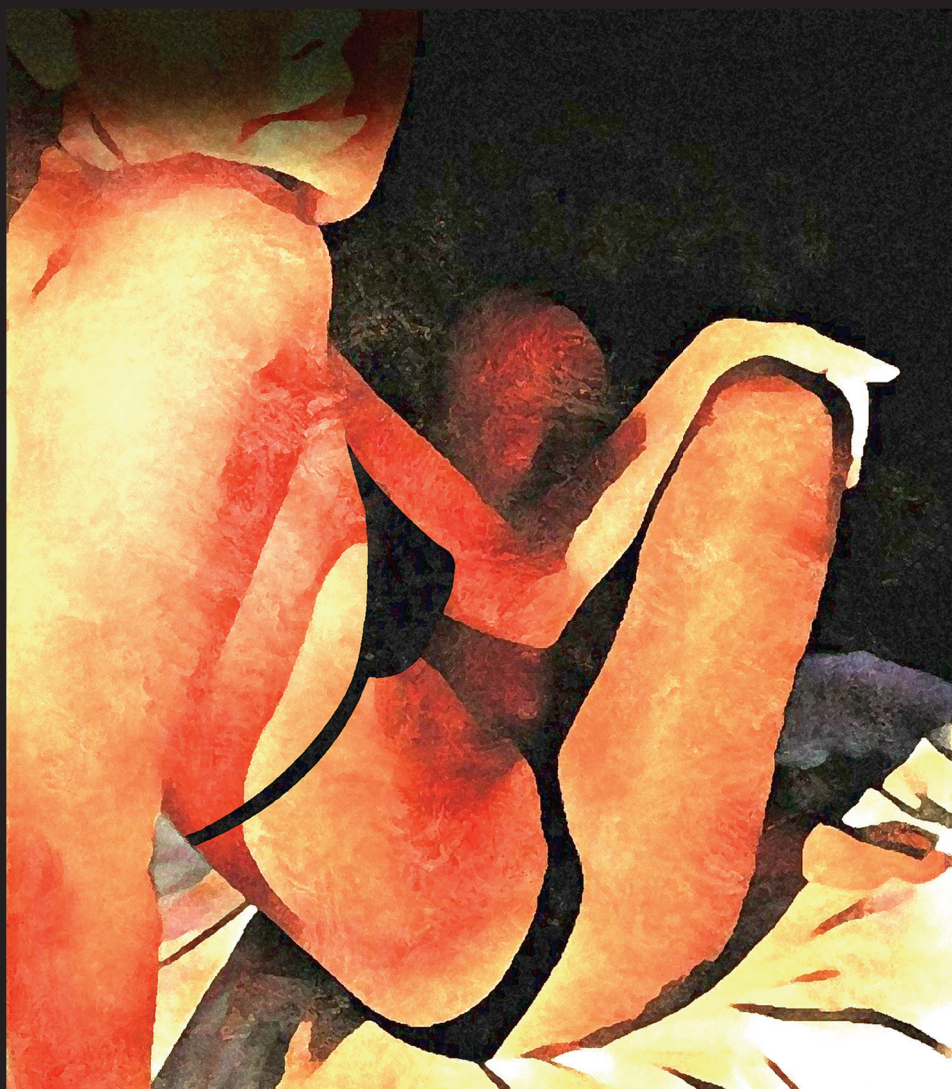


ELA NÃO É MULHER PRA CASAR

Quimera
EVENTOS, CULTURA E EDITORAÇÃO

VANESSA
TEODORO
TRAJANO



**ELA NÃO É
MULHER
PRA CASAR**

ELA NÃO É MULHER PRA CASAR

VANESSA
TEODORO
TRAJANO

Quimera
EVENTOS, CULTURA E EDITORAÇÃO

TERESINA, 2019

Todos os direitos reservados. De acordo com a lei n.º 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma ou por meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do autor e do editor.

Projeto gráfico: Área de Criação
Ilustração de capa: Lucas Martins
Modelo: Fernanda Gomes
Revisão: Cláudia Manzolillo e Clarissa Macedo
Parceria: Ítalo Lima Poesias
Patrocínios: Instituto Amostragem e Loja Arena Toys
Foto da autora: Dayane Cavalcante
Cabelo e maquiagem: Larice Almeida
Impressão: Athalaia Gráfica e Editora
Ficha catalográfica: Gleydson Santos CRB-03/1219

T768e Trajano, Vanessa Teodoro.
Ela não é mulher pra casar. / Vanessa Teodoro Trajano.
– Teresina: Quimera Editora, 2019.

124 p.
ISBN: 978-85-67147-28-4

1. Literatura piauiense – crônicas. 2. Literatura piauiense – contos
Literatura brasileira – crônicas. I. Título.

CDD B869,3

Índice para Catálogo Sistemático

1. Literatura piauiense – crônicas B869,3
 2. Literatura brasileira – crônicas B869,3
-

E-mail: vanessateotraj@hotmail.com
Blog: trajanote.blogspot.com
Facebook: [vanessateodorotrajano](https://www.facebook.com/vanessateodorotrajano)

Quimera - Eventos, Cultura e Editoração Ltda
Rua Veterinário Bugyja Brito, 1229, sala 207, Horto
Cep 64052-410, fone (86) 3011-2420 - Teresina - Piauí

AGRADECIMENTOS

Em primeiríssimo lugar, agradeço de todo coração aos meus três anjos da guarda:

Wilson Seraine
Rubervam Du Nascimento
Clarissa Macedo

Além deles, recebi pelo Catarse o apoio de diversos financiadores:

Amparo Carvalho
Inácio Loyola de Oliveira Campos
Wirislene Silva Oliveira
Alex Sampaio
Hildalene Pinheiro
Hamilton de Paulo Costa de Souza
Durvalino Couto
Luís André
Saydagen Cardoso
Bárbara Félix
Jasmine Malta
Albertina Milanez Paixão
Jurema Silva Araújo
João Batista Mendes Teles (Amostragem)
Maria Vitória (Loja Arena)
Francisco Leonardo (Nova Aliança)

Hernane Felipe
Celso Alcântara
Marcos Patrício
Socorro Silva
Isana Barbosa
Valter Aragão
Francisco Carlos Pontes
Sandro Leão Alex Sertão
Marleide Lins
Helio Soares Pereira
Professor Ageu Júnior
Ovídio Poli Júnior
Isabel Cristina Ribeiro da Silva
Marcos Luiz
Adriano Lobão Aragão
Sebastião Alves Teixeira Lopes
Moema Rocha Pires de Oliveira
Jairo Cezar Sherlock
Junior Pi
João Garcia
Gustavo Ruy Lustosa
Raimundo Nonato Ribeiro Morais
Zenaide Trajano da Silva
Ricardo Gerstner
Glauber Viveira Ferreira
José Maria da Conceição Júnior
Pedro Vidal
Moisés Rego
Marcos Roosevelt
Vitorino Rodrigues

Luciano Klaus
Wander Nunes Frota
Alexandre Marques Rodrigues
Henrique Samuel Campelo Brandim
Antonio Reges Pereira da Silva
Waldy de Oliveira Lima Neto
Feliciano Bezerra
Ana Villa
Kelbia Cris
Maria Fernandes de Carvalho
Aline Brandão
Dyego Phablo dos Santos Porto
Silmar Rocha
Kenard Kruel Fagundes
Larice Almeida
Célio Pitanga
Fabrícia Feitosa
Francisco José de Souza

SUMÁRIO

13	PRECE
15	SEDENTA
19	ALGUÉM TEM QUE SOFRER
29	ORDINÁRIA
33	SOBRE O AMOR DE FELIPE OU CICLO DE VICO
35	ESQUIZO
39	TENSÃO
45	DIAMANTES
49	BIG BANG
51	SENHORITA LINS
55	SOBRE DIAS OPOSTOS
59	SÓ VOU ESTAR BEM AMANHÃ
63	EXAME DE PROLACTINA
65	TEMPO
69	AMÉLIA
77	PAIXÃO DE BAR
79	MORRER DE BEBER
83	ROMANCE
87	RAYOAHRA
89	OS BONS HOMENS QUE TIVE
99	A ÚLTIMA VEZ
103	O ILUSTRE CONVIDADO
109	PAPA ANGEL
111	CALIGRAFIA
121	ELA NÃO É MULHER PRA CASAR

*A todas as mulheres incomuns
que fizeram e farão história.*

PRECE

Desejo escrever uma história tão escorregadia que não caiba na página de um livro. Que seja rebelde ao ponto de atear fogo nos murmúrios de seu possível esquecimento. Quero que a minha história tenha o dom de entreter as crianças com a astúcia de quem instrui um adulto, e que ela seja minimamente capaz de avivar na cascata de seus lampejos. Que essa minha história tenha o divertimento de leituras breves, mas abocanhe como um clássico. Que ela alimente a esperança de continuar - mesmo que tudo já tenha findo - e não me idiotize nem me prostre, porque outras histórias me deixaram assim e escapei. Que ela fale de experiências absurdas porque omissas, mas guarde um pouco do livro de mágoas que todos já leram um dia. Que ela revigore a alma e manifeste a fúria, acalme as pálpebras ainda que as desague, e que cada coração saiba exatamente o que proferi, não atribuindo anexos inexistentes a sua mais viva euforia. Que essa história não morra na pró-

xima virada, mas que reviva um tanto mais a cada morte. Que ela grite aos quatro ventos sobre o amor em sua mais pura ordem, sem a inocência da infância ou a frustração da juventude, e ensine a respeito das paixões nunca menos que as próprias fantasias. Que ela me faça sobreviver a ressaca como uma heroína, e não me deixe diluviar por substâncias inofensivas a qualquer um que saiba portar a palavra. Que através dela não tentem descobrir quem fui, mas saibam um pouco sobre cada verso que ainda resisto.

SEDENTA

Eu conheci uma escritora. Ela tem uma beleza entrando que me incomoda. Uns olhos grandes que físgam a gente e nos dão maltratos às vezes. Ela mora na rua, só vai para casa quando dorme, mas quase nunca dorme. Vive insone no submundo dos mundos. Ela tem um humor sensível que chega a me afetar. Nada a deixa feliz. Fico triste por não poder deixá-la feliz. Ela diz que não é pra eu me desculpar, pois a morte cuidará disso, e, quando vê que esta piada sem graça me irrita, fica ainda mais triste. Ela vai e volta e acaba não indo pra lugar nenhum. Ela é muito indecisa, portanto tenho medo das suas decisões repentinas ou não as levo a sério o suficiente. Ela quer que eu acredite nela, mas quase sempre desiste antes de chegar à esquina, voltando com centenas de novas resoluções, deixando de lado as antigas. Ela observa a vida com devota insanidade. Deseja enlouquecer e não tem ninguém no mundo que a faça desistir disso. Sinceramente, anseio a hora de vê-la

metida numa camisa de força; cansei de ser o seu psicólogo, o seu enfermeiro, o seu mentor. Que enlouqueça sozinha, sem me furtar um arrependimento sequer. Bem, costume pensar nesse abandono. Melhor não; nunca se sabe como uma escritora pode se vingar, eu não quero me tornar um vilão nas suas páginas. Então, prefiro voltar atrás em tudo o que eu disse. É que, às vezes, sinto saudade. Ela não é bem a mulher pra casar e ser a mãe dos meus filhos, mas, de certa forma, eu a amo. Longe de mim, é claro. Pois ela bebe além da conta, é muito autodestrutiva e prega uma liberdade que, na verdade, é mero pretexto pra cair sem culpa na putaria. Às vezes, ela é impulsiva, enfadada, in-tra-gá-vel. Noutras vezes, ela é doce, leve, carinhosa; nem parece ser a mesma pessoa.

Eu penso que ela é um abismo: tem que ter coragem pra se jogar. Fico pensando seriamente se eu tenho. Mas ela é linda, linda como só ela consegue ser. E ela mente pra mim às vezes. Diz que é só minha, como pode? E todos aqueles homens que escreve em seus livros? Ela chora. Diz que eu não acredito porque, certamente, eu é quem faço isso e desaparece. Eu fico, confuso, endoidecido, mas... Teimo em não dar o braço a torcer. Então ela volta toda calorosa, fingindo não ter acontecido nada. Quando toco no assunto novamente, ela já muda de expressão como se os olhos consentissem. Ela permanece em silêncio, mas ainda bem que o corpo fala. E, desse dia em diante, eu entendi tudo. Eu fui usado. Ela queria me pôr na sua coleção de amantes. Ela diz que eu não a compreendo. É, realmente, eu não a compreendo. Eu passo a odiá-la, ela diz que vai se matar. Eu a menosprezo, então, ela me manda um poema de

despedida. Nele diz que o amor é menor lugar do mundo onde cabem tantos corações possíveis. Eu não entendo e, por isso, rasgo o poema, rasgo a sua opinião, rasgo a sua lembrança. Vou picotá-la e jogá-la no mato, porque é isso que ela merece.

Mas a desgraçada faz questão de não ser esquecida. Resurge como fênix, mais bela e insaciável do que já foi um dia. Pergunto: por que me tortura tanto? E ela diz, cinicamente: preciso terminar de escrever a minha história.

Pude enfim entender: ela é sedenta. E achou em mim seu manancial. Lutei contra isso mais do que pude, porque, qualquer hora dessas, paixão assim vai me destruir também. Mas desisti. Eu não posso vencê-la. Ela tem venenosa influência sobre mim.

ALGUÉM TEM QUE SOFRER

Escrever... como? De memória, afirmo que uns escritores iniciam a narrativa discorrendo sobre a personagem central. Outros apresentam a situação concomitante ao surgimento de certos indivíduos. Já outros preferem os diálogos e entram causando sustos no leitor, para não dizer outra coisa. Eu, diante de tantas possibilidades, prefiro nem começar.

Mas é preciso.

Principalmente porque me veio a mágoa de uma história que se ocupou de mim domingo passado e até hoje me perturba. Só me livrarei dela com o seu registro. Mais uma vez, o uso da palavra por mero egoísmo.

Trata-se de Leocácia, mulher que o tempo fez dela sofrimento permanente. Não, não. Não foi ela quem sofreu, foi seu marido. Não, não. Não foi ele, foi seu amante. Não, não. Foram seus filhos. Os filhos de Leocácia ou do amante? E eu sei? Só sei que alguém terminou sofrendo.

Leocácia, que não era feia nem bonita, costumava ser pacata porque achava mais conveniente sê-lo. Não chamava atenção dos homens e assim não correria o risco de se interessar por eles e trair seu marido. Não usando adornos não chamaria a atenção dos ladrões e evitaria, como boa heroína que é, os assaltos. Não se destacara em relação às outras mulheres e, portanto, não seria alvejada pela inveja e inimizades. Decaptava as dores de cabeça antes que elas o fizessem. Sem problemas, sem crises, sem surpresas. Era mais seguro morrer.

Todos os dias, quando ia ao trabalho, – trabalhava numa alfaiataria – passava em frente a uma exposição a céu aberto de um jovem pintor que estava ali ou na praça, mas sempre em qualquer lugar. Olhava de esguelha, em trânsito, resistindo ao efeito hipnótico que aquela paisagem provocava.

Um dia, porém, o pintor se assomou em seu caminho, estendendo-lhe um porta-retratos. Sobressaltada, pegou a arte e emudeceu.

– Não me pague nem agradeça. Apenas me deixe pintá-la. Você era a modelo que eu estava procurando.

Leocácia não pronunciou palavra. Depois de tanto esforço para manter-se invisível, acabou se tornando alvo da inspiração de um artista, era só o que faltava. Balbuciando, retrucou:

– Não. Sou casada, e...

Ele, rindo, interrompeu-a:

– Também sou. Isso não impede o nosso trabalho. Por favor, não me diga não. Eu sei que você gostou.

– Moço, não posso aceitar nem o presente nem a proposta.

- Mas...

- Não insista!

Ela esmagou a tela no peito do jovem pintor e, inevitavelmente, pensou o dia inteiro naquilo. Órbita, energia, como queira chamar: alguma coisa desalinhou-se. Habitou uma sensação de estranheza até então nunca vivenciada. Por conta disso o andamento das encomendas no trabalho não foi o mesmo e acabou levando uns gritos da patroa.

Quando voltou para a estação do metrô, procurou-o instintivamente e ele não estava mais lá. Será que tinha sido muito rude? Ficou com medo de nunca mais vê-lo e sentiu medo de tal medo.

Em casa, Pedro a recebeu com o lembrete de que fariam dez anos de casados. Tão bom, tão sereno. Um homem leal, exemplar e pacato como ela. Os filhos estudavam no quarto, a sopa de legumes fervida desde às seis no fogão brilhando. Tudo na imperturbável ordem, menos ela. Uma úlcera esganiçava por debaixo da pele, lacerante, e a pôs rubra. O marido entendeu: era o amor, e se deitou sobre ela sem nada dizer. De fato, a felicidade não era de todo ruim. Havia dias que piorava, por exemplo: às vezes o marido roncava logo após o jornal nacional. Naquele dia ele fez diferente, mesmo que, nós sabemos. A felicidade não era de todo ruim, não. Precisava mantê-la.

No dia seguinte o pintor sumiu da sua vista. Menos mal. Sem vê-lo, esqueceria aquela ideia mais rápido. Aquela ideia já fixa.

Mas, à noite, ao saírem pra jantar, avistou-o de longe vendendo suas telas, só que em outro canto da cidade. De madrugada, atacada por uma insônia, viu que ele dava

uma entrevista a um importante programa de televisão. Pasma, parou de passar os canais e assistiu, torcendo para que Pedro não acordasse.

- Então, qual a sua melhor obra?

- Eu ainda não fiz.

- Como assim, caro Wagner?

- A minha obra mais notável e importante anda pelas ruas e nem dá bola pra mim.

- Explique-se melhor, para que os nossos telespectadores possam compreender.

- Desejo pintar uma mulher desconhecida, mas, por ser eu um desconhecido pra ela, tal mulher me desdenha.

- Você, um desconhecido, Wagner? Quem nessa cidade não o conhece? Você é uma das nossas maiores referências de arte, além de boemia também.

- É, mas ela não é da noite. Uma mulher comum, pacata. “Pacata. Uma mulher pacata”. E teve vergonha.

Num ímpeto, desligou a televisão e tremeu-se pela casa inteira até conseguir dormir.

Que diabos! Quem lhe garante que ele fala é de você?

Passou dias sem vê-lo. Quando enfim o reencontrou, esperou que ele não a abordasse, já devia ter encontrado outra musa. Então se sentiu à vontade para contemplar seus trabalhos. Rostos desconhecidos. Rostos que sangravam. Corpos sem rostos. Corpos a *la brasileira*. Só podia ser. Por isso que as coitadas nem têm rosto, e as que possuem só têm cabeça, porque é dessa forma que os homens nos veem, pensou. Esses infames.

Num dado momento sentiu-se observada. Estremecida, fingiu concentração.

- Agora vai me ouvir?

Leocácia virou para ele. Agora esperaria a eternidade. Correria dali, mas os pés tiveram a audácia de criar raízes.

- Não fique assustada. Eu sou um artista, não vou lhe fazer mal. Eu só queria saber se você posaria para mim. Não tenho como pagar, mas o resultado será tão surpreendente que você nem sentirá falta do dinheiro.

Ainda chocada com o convite, Leocácia demorou em assimilá-lo e pensou em silêncio, como se tivesse todo o tempo do mundo.

- E então? - insistiu ele, pacientemente.

- Wagner. Seu nome, não é?... Bem, eu confesso que passei dias sem tirar isso da cabeça. Onde está o meu retrato?

- Está guardado.

- Por que você não o expõe aqui com os outros?

- Porque ele é seu, não vou vendê-lo.

Com a alma risonha, desarmou de vez.

Leocácia e Wagner passaram-se a se encontrar aos finais das tardes para que ele iniciasse “o seu trabalho mais importante”, como dizia ele. Ela avisou ao marido que ia tirar hora extra no trabalho. Wagner não devia satisfações a ninguém, embora tivesse dito que sim.

Pedro passou a senti-la numa emudecida empolgação, sem motivo aparente. Até o seu cheiro mudou. Feromônio que chama? Pois é. Um cheiro de puta no cio, esse era o cheiro dela e isso lhe causou asco. Leocácia cantarolava pela casa, opinava sobre assuntos sobre os quais nunca havia se pronunciado antes e se interessava mais por penteados extravagantes. Isso não era coisa de mulher casada, assim, de repente, ficar feliz. Tinha que ter macho no meio.

Um dia, telefonou para a alfaiataria e descobriu que ela havia saído ao final do expediente comercial. Ligou, mas o celular desligado. No entanto, Pedro agiu com paciência. Recebeu a esposa sem mencionar a descoberta, que ela do dia pra noite havia virado uma concubina, que ela desonrava a ele e os filhos. Pedro não falaria absolutamente nada porque aquela certeza era vergonhosa até de pensar, imagine dizer. Dormiu ao seu lado, mesmo querendo sufocá-la com o travesseiro.

Numa outra oportunidade, enquanto procurava uns documentos antigos, achou, por acaso, o retrato de Leocácia, aquele, lembra? Seu rosto honrado e inconfundível, os mesmos olhos tristes e famintos, a fome que desapareceu como cinza nos últimos dias.

Pedro chorou de desespero. Perderia a esposa?

- Você me esconde alguma coisa, Leocácia? - disse assim que ela pôs os pés no quarto, sem qualquer contrição.

- Não, Pedro, por quê?

Cínica. Mil vezes cínica.

Ela se manteve aguerrida, firme. Ah, se ele já não soubesse de tudo até acreditaria naqueles olhos, naqueles olhos tão convincentes de mãe de família. Mas ela não voltaria atrás nem pela sua menor desconfiança. Ora, uma mulher comum seria vista por um espectador da posteridade. Sabe quanta emoção cabe num coração anônimo?

- Por nada, Leocácia. Banhe as crianças, vou levá-las para jantar.

- Só elas? Eu também não irei com vocês?

- É claro, meu amor.

A arte estava quase finalizada. Wagner, na última sessão, tratou de colar nas paredes do atelier vários desenhos e rascunhos de Leocácia em diversas posições diferentes – as evidências do processo de criação. Leocácia caiu encantada quando viu. Nem foi atrás do porquê das faces daqueles corpos, as variadas formas de seu rosto. Depois de tantos encontros, ela já se sentia entendida de arte. Não era mais só uma modelo, mas também uma consumidora de cultura, alguém apta a racionalizar as intenções autorias sem ficar fazendo perguntas.

Durante as últimas pinceladas, a porta sofria ataques de fúria. Era Pedro.

– Leocácia! Leocácia, eu sei que você está aí dentro! Leocácia!

Ela, em pêlo, não teve tempo de se vestir. Pedro arrombou a porta.

– Que pouca vergonha é essa, Leocácia?

– Eu posso explicar, Pedro!

– Nuinha na frente de um homem!

– Não, ele é artista, ele...

– E ele deixou de ser homem por causa disso?... Deixa eu ver isso aqui! – Pedro puxou o cavalete bruscamente e olhou horrorizado, como se aquela fosse a pintura de uma aberração.

– Era essa a sua hora extra na alfaiataria? Ficar se despindo pra outro homem? Se entregando!

– Não! Não!

– Esse cara aí está louco – disse Wagner, zombando.

– E você cala a boca, seu merda! – pegou-lhe pela gola, as veias a ponto de estourar.

- É só arte, me solta!
- Arte da minha mulher nua não é arte!
- Você está enganado!!!
- Cale a boca!
- Parem com isso; os dois, por favor!
- Você não percebeu? Ela é uma obra de arte! Pedro soltou-lhe a gola como se tivesse levado um choque. - Nem você nem ninguém tinha notado. Eu notei e fiz dela a minha obra mais importante.

Leocácia rompeu-se em choro, implorando para que aquilo terminasse. Não suportava saber que até pouco tempo não era nada, e o fato de agora ser alguma coisa fazia seu marido sofrer como se a tivesse perdido. Todo mundo desejava o desconhecido ou o abomina.

Pedro avançou para a tela pretendendo derrubá-la, mas foi impedido por Wagner, implorando-o fugaz:

- Não! Não! Me mate, mas não destrua a minha melhor obra.

- Eu devia matar era essa ordinária desavergonhada que ainda não foi se vestir. Vá se vestir, vamos pra casa; lá você arruma as suas coisas e depois vai embora, e aí vai poder transar com o “artista” que quiser.

- Nós não transamos, eu juro!

- A gente não teve nada - falaram ao mesmo tempo.

- Parem! - gritou agonizante - Pare sua prostituta mentirosa, pare!

- Me escuta, eu ia te contar, mas você não entenderia; eu queria...

- Cale a boca! - todos calaram por um instante - Não pensou nos seus filhos?

- Filhos não é motivo para a pessoa deixar de fazer nada na vida.

Pedro virou-se para Wagner transfigurado.

- Eu devia quebrar a sua cara. E você, não vai se vestir não? Ah, vamos embora! - arrastou-a pelo braço. Emendou - e você não ouse expor essa tela!

- Eu vou expor sim. É a minha obra mais importante - Wagner foi desafiador.

- Ai, vai? Vai mesmo?

-Vou.

Pedro, num único golpe, destruiu a tela. Ao chão, pisoteou-a até fazê-la em pedaços. Leocácia se pôs escandalosa, Wagner ficou estático, enquanto o marido, como um insano, deteriorava o que restou de Leocácia, A Mulher InComum.

O que sei é que Pedro nunca acreditou na versão de Leocácia de que ela apenas posava e se casou novamente. Convertidos, ele e a sua nova esposa abominavam as coisas terrenas, sobretudo qualquer manifestação artística, mesmo as ditas celestiais.

Wagner tentou reconstruir de memória a sua melhor obra. Pegou cada rascunho de Leocácia e fez uma junção de todos num só trabalho, conseguindo superar a beleza da tela destruída. E, mesmo sem contatar Leocácia, a expôs em grande evento e a vendeu por um preço exorbitante. Depois disso, suas obras foram bastante requisitadas por colecionadores de todos os lugares do país e do mundo, recebendo encomendas valorosas. Wagner, às vezes, se lembrava de Leocácia, queria agradecer o grande salto que ela injetou em sua carreira; ela, uma mulher comum desco-

berta no desfiladeiro da rua, brotou do anonimato para o universo estético. Infelizmente do seu paradeiro não sabia. Desistindo, foi ter-se com viagens internacionais.

Leocácia aprendeu a pintar no sanatório por meio da arteterapia. Todos os dias fazia autorretratos, entretanto exterminava todos eles. Alegava que, quando olhava para o que acabara de finalizar, seus olhos umedeciam, visto que, na presteza de fazer-se sorrindo, toda a tinta começava a deslizar pelos traços, como se as lágrimas fossem mais fortes que seu próprio sangue. Leocácia sofria. Finalmente era alguém. Assinava, no canto de baixo do lado direito, sem o menor assombro, o verídico codinome *eu*.

ORDINÁRIA

Esta é apenas mais uma história dentre outras histórias que, de tão cínica, nos põe a desejar reincidência. Ela nem aconteceu, mas tem a cisma de melancolia ou desastre caso eu me negue a contá-la, e, sendo assim, pode acabar se tornando em vontade inadiável, dessas que quando vê já saciou e nos manda à merda. Eu não. Melhor que vá ela, bem Mattosiana*.

Eu costumava acordar todas as manhãs num lugar diferente. Essa atípica rotina desrespeitava singularidades, e, por essa razão, me habituei a quartos sem roupeiro, mesas com decoração medíocre e lençóis baratos, por vezes, cheios de cabelo dos hóspedes anteriores. A vantagem é que nunca comprava sabonete ou creme dental, pois adquiri o estranho sestro de colecionar miniaturas dos produtos de higiene.

E, numa dessas manhãs, entre paredes cor de marfim e televisão que, de tão alta, subia ao teto, despertei num

susto ao te ver ali deitada ao meu lado, completamente nua, esmagando os peitos contra o colchão e os cabelos impedindo de me escandalizar com a diabrura do rosto. Não ousei te acordar, porque tampouco sabia o que fazer com aquela aparição, mas a forma com a qual me agitei na cama fez com que você se virasse para mim, e mesmo de olhos costurados pela remela me deu um suave bom dia. Podia ser que eu ainda estivesse dormindo, pois, em nenhum momento, recordava de ter chegado com uma mulher, quanto mais você.

- O que foi?

Incrédula, examinei a situação observando tudo ao mesmo tempo: a simetria do teu corpo, que conhecia bastante nas contemplações íntimas; a sonoridade da tua voz, loquaz no perímetro de nossa proximidade e o teu cabelo, cuja única função é irritar quem queira vê-la nos olhos. Você se reposicionou, atirando as mechas para trás do pescoço e ficou muito séria, como se estivesse magoada.

- Por que está aqui?

- Ora, não viemos juntas?

- Eu nunca viajo acompanhada.

- Mas ontem...! Ah, por que estamos falando sobre isso?

Você se deitou nas minhas pernas e ficou em posição fetal. Parecia uma menina, e era; tinha seus dezenove ou dezoito, sei lá, jovem o bastante para liquidar alguém como eu, que já havia encontrado o desconforto de estar viva.

- Eu nem bebi para me esquecer de ... - como pode

ver, resistia, embora a partir daí não tirasse os olhos dos teus seios, que, naquele momento, induziram-me involuntariamente a brincar com os biquinhos. A saber, com a sua prazerosa permissão.

- Não acredita em *Magic*?

Se ela fez referência a algo que havíamos vivido juntas não sei, nem seria capaz de qualquer raciocínio, dado que estar de olhos vivos em cima de você me esbraseava a tal ponto que, àquela altura, já não restava nenhuma disposição para te ouvir ou refutar.

-Você me chamou em sonho, então eu vim.

Antes que terminasse de contar a façanha metafísica do nosso encontro, eu puxei você para sentar sobre mim, e você veio muito obediente, esfregando a boceta na minha coxa, vasculhando com os dedos áreas sensíveis entre a pele e a camisola que já não me cobria, e tudo, tudo o que dizia me irradiava em incontido reflorescimento. Minha menina surpreendente, o que diria Nabokov* se a visse? Você mesma me abraçou com as pernas e me colocou debaixo de si, sugerindo que aproveitasse de olhos bem fechados para que eu não visse a morte passar, que a deixasse entrar, implosiva e paciente, nos estilhaços da alma.

Devo ter adormecido por uns quinze ou vinte minutos depois disso, e quando acordei, pela segunda vez naquele dia, você estava totalmente controversa do que havia visto há quase duas horas. Vestia-se às pressas, sem olhar ou se importar com meu desapontamento ao assisti-la tão descaradamente fugidia. Parece bem clichê, e é, mas, naquele instante, me dei conta que o que fizemos, se é que

fizemos, não tornaria a acontecer.

- Eu também estou de saída, atrasada para o trabalho.

Para a minha desgraça, era real. Não sei por que diabos ainda duvidava, mas tive que pagar pela sua hospedagem. Ao chegarmos ao estacionamento, perguntei aonde iria, já com visíveis intenções de controlar a realidade. O que tive em resposta foi um riso, um debochado e displicente riso:

- A gente se vê no próximo sonho.

E você, ordinária* como só você consegue ser, entrou no carro, deu a ré e saiu.

* Referência ao poema “penso logo cago” de Glauco Mattoso.

** Referência ao criador da Ninfeta mais perversa da literatura: Vladimir Nakobov, Lolita.

*** Apesar da minha escancarada paixão por Nelson Rodrigues, aqui não faço nenhuma referência a “Bonitinha, mas ordinária”. A minha personagem é ordinária mesmo.

SOBRE O AMOR DE FELIPE OU CICLO DE VICO

Se tem uma coisa que tranquiliza Beatriz é dirigir por aí, com seus CDs gravados. Se a gasolina não fosse tão cara, com certeza faria isso mais vezes. Então, havia horas que tinha que ficar com a cabeça em desordem mesmo. Rodopiando, rodopiando, rodopiando. Ainda bem. Assim dava mais força ao ciclo de Vico. Ou seria...? Esquece. Beatriz saiu por aí, rodou a cidade inteira. Pela primeira vez, não sentiu vontade de sentar num bar. Tudo o que não podia fazer era permanecer. Repugnava estaticidades. Em matéria de energia, sentia ligeira estafa.

Quando cansou daquele CD e sintonizou a rádio, ouviu uma música que a fez lembrar-se de Felipe. Ele anunciou que iria se matar dentro em pouco se ela ficasse com o outro. Coitado de Felipe. Não existia esse outro. Mas Felipe gostava de fazer jogos psicológicos e amedrontar, e Beatriz já estava cansada daquilo. Que amarrasse a corda no pescoço.

Só que Beatriz não queria pensar tão ruim assim de quem dormiu e acordou junto. Ainda com toda aquela barderna emocional, ele ainda era a sua melhor referência do que é se sentir apaixonada. Ou não. Que inferno era aquele em que ela se metera, essa necessidade de estar presa em trocas de injúrias, mesmo que elas fossem em nome do amor.

Que amor? Doer?

Beatriz não desejava parar. Os sinais estavam escassos, e sua consciência menos ainda. O trânsito era favorável, e ela metia o pé. Anda Beatriz, arrume alguma solução.

A solução seria: vou bater na casa de Felipe e lhe dizer poucas e boas, para depois... O quê? Nada. Para que servem as palavras? Para que serve o amor? Então é isso? Termina assim? Ou não termina?

Para sua sorte, Beatriz não enfiou o carro no poste e agora dorme. Amanhã continuará pensando no que nada serve. Como outras 7,125 bilhões de pessoas fazem, e querendo ou não ajudam a construir o ciclo de Vico. Ou seria...? Esquece.

ESQUIZO

Já se sabia que ela seria escritora. Desde há muito, quando nas redações escrevia “recuperou-se do sono conturbado à meia-noite para não mais bater pestana” ao invés de “a menina sofria de insônia”. Olhavam-na com imoderado vislumbre: e então, ela escreverá versos? Comentava-se: narrava como ninguém. Mas ninguém é nada, não a equipare ao nada. A jovem é muito, talvez a nova machadiana (como Clarice). Ainda bem que em seu nome já carregava trovões. Lia-se: Ágda Pandora; é claro, o último inventou, por achar Silva bastante simplório, advertindo, porém, não sentir vergonha da sua natureza silvícola. Para índia faltava pouco, apenas os olhos miúdos no abismo da face, porque os cabelos lisos e a tez de bronze já ostentava. Seria impossível não tê-la, pegava de seis a oito ônibus por dia, dependendo da necessidade e morava em Teresina. A bunda e os seios eram branquíssimos, ninguém diria, só o namorado – inexistente por enquanto, defendia-se. Reclusou-se no quarto

equipada de canetas, *rock*, Beethoven e *cappuccino*. Precisava treinar seus 17 anos, sabia o que viria por aí. Tornar-se-ia comercial. Labuta, cansaço, *stress*, casamento. Casaria? Alguém se casaria com a escritora? Até agora o que percebera é que metia medo. Achavam-na linda, todavia as palavras (não as escritas) pareciam anunciar o inferno. Qual deles? Por tantos que há, perderam-se as portas, mas a gente vai cavando buracos e fazendo deles saídas. Pelo menos é o que se espera de escapes de última hora, principalmente se o prenúncio de anátemas recaem sobre o signo da paixão. Sobretudo, a jovem era só. Não fazia mal. Melhor o silêncio do que esganiçar. As palavras, se não literárias, trazem o despacho do mal que carregamos por dentro, quando tudo o que esperamos é a beleza das vitrines. Em todo caso, daí sairia seu primeiro romance, e poderia ratificá-lo em dez anos para tornar-se uma lenda depois de mais 100.

Mas se bem que em matéria de tempo não era boa, mesmo aprendendo na física que se tratava da unidade de medida que constituía a origem do universo, ela preferia manter suas dúvidas e seus receios na garganta, onde ninguém, além da angústia, tem coragem de se enfiar. Então escrevia porque prometeram-na assim. Todos aqueles livros que já havia lido fizeram essa malvadeza com ela. Não tem mais volta e não se trata de ser bonitinho. Enquanto criança tudo bem, quem é que sofre com o gracejo da narrativa infantil? Agora espere por abrir as páginas de Kafka, Rilke e Wilde. Eu diria que Mia Couto vai fundo também. Claro que há beleza, claro que há sofrimento. Nunca nos armaram contra a solidão após constatarmos o quão puramente *corpus de poesia nós somos*. Cada lágrima, cada gozo, cada instante,

se perdidos para nós, tornam-se eficazes no corpo do poema para aqueles que virão depois de nós. E, por compreender isso tão precocemente, ela foi adoecendo naquele quarto, entupindo-se de *cappuccino* e personagens à beira do total lirismo até blim, explodiu.

TENSÃO

Éramos três numa casa e vivíamos numa tensão do capeta. Roberto, porque havia há pouco terminado com o namorado e andava choramingando pelos cantos da casa, sem falar com ninguém; Alfredo, porque queria se casar com uma dondoca apostando que assim as coisas iriam melhorar, e eu... Bem, eu era um caso sério, mas tão sério, que acabei causando... Deixa eu contar, para que vocês compreendam a situação toda.

Tudo começou com esse negócio do Alfredo querer se casar com a filhinha de pretense burguês. Ele achava que assim não teria mais que se preocupar com aluguel, e que talvez o pai dela fosse empregá-lo ganhando bem. Até hoje não sei se seu plano deu certo, mas, enquanto morávamos juntos, eu e Roberto ficamos muitíssimos preocupados como iríamos dividir as contas só pra nós dois, pois nem todo mundo aguentaria morar com a gente. Éramos porcos, promíscuos e bêbados, além de não dar atenção pra

quem não gostamos. Combinávamos tanto que, apesar de saber que ele não me queria, numa hora dessas, acabei me apaixonando. O problema, meus queridos, não é ter uma paixão platônica pelo seu amigo que só gosta de rolar, é não saber ouvir um não.

Sabendo que uma hora ou outra iríamos nos despedir do Alfredo, providenciávamos constantes festinhas no apê, até porque Roberto precisava se recuperar do rompante, e eu, que não era boba nem nada, dar um jeito de dormir acompanhada. Proibíamos, às vezes, Alfredo de convidar aquela patricinha. Ela não iria compreender a nossa relação, apesar de já nos conhecer. Obviamente, ele entendia e se submetia a tais caprichos. Família perfeita, a nossa.

Com o tempo, Roberto foi se livrando do pesar e voltando a ser um viado feliz, como todos os outros que eu conheço. Mas algo nele havia mudado. Ele havia se tornado mais homem, sei lá; não. Só pode ter sido impressão minha, pensei – e não pensei apenas uma única vez.

Até porque ele foi caindo de amores pelo Alfredo. Talvez por conta da separação iminente. Tudo bem, a gente ama os amigos. Mas não daquela forma. Estar todos na cozinha passou a ser uma tarefa difícil: de um lado, inocente, Alfredo cortava carne. Do outro, na pia, Roberto o olhava de esguelha e ia suspirando na medida em que o outro movimentava as mãos para tomar qualquer atitude tida como máscula – não me peça exemplos. E eu, dominada pela tensão sexual de há meses não apanhar, fui acrescida por uma espécie de desejo momentâneo por achar bonito um homem desejando outro. Fiquei liguenta, imaginando.

Condenei-me, é claro. São meus irmãos, meus amigos.

Não era o mesmo sangue, mas amizade de escola, às vezes, vale bem mais que um laço sanguíneo. Era o caso. Fomos parar ali num momento em que a vida tinha se tornado carasca com todos nós. E um ergueu o outro. Agora aquela relação de ânsias esmagadoras poderia simplesmente acabar com a gente. Afinal, a paixão é uma das forças mais destrutivas da natureza, até mais do que o ódio. Pois o ódio é a total repulsa e nulidade, enquanto a paixão requer as causas impossíveis – e na busca de fazê-las acontecer vai destruindo as razões de sê-las – fui poética aqui? Depois da paixão, o nada. A sensação de desimportância no mundo.

As coisas só pioravam a cada dia. Proibir-me parecia estar alavancando a situação. Para que proibir o que não se pode evitar? Caminhávamos em silêncio para o mesmo rumo, e eu nem sei o que Alfredo pensava de tudo isso, eu só queria que ele me olhasse de volta, sabe?, Aliás, assisti-los, misturados no mesmo suor, entranhados pelo gozo de homem, me excitaria a tal ponto que não sei se seria capaz de respeitá-los naquele momento. Durante o dia ficava esboçando momentos como esse, esperando por algo aparentemente improvável. Aparentemente.

Quando Roberto chegou pra mim, todo choroso, vi o quão homem ele se tornou. Para mim, chorar é coisa muito digna, e só os homens de verdade conseguem. Deitei-o nas minhas pernas e acariciei seus cabelos. Ele soluçava desesperadamente, com medo da partida, com medo de Alfredo levar a nossa amizade para aquele espaço da mente que se chama nunca mais. Além disso, tinha toda a questão de ele ser hetero. Porra, que desperdício, hein?

Decidi que iria ajudar o meu amigo. Não porque ele fos-

se apenas meu amigo. As suas mãos nas minhas coxas enquanto chorava ficou martelando uma perversão na minha cabeça. Logo eu, que nunca neguei fogo. Atendi à súplica, sem ressalva.

Certa vez, eu e Alfredo estávamos sozinhos em casa, e fiz algo que nunca havia feito antes. Ele, na sala, assistia a filmes na TV aberta, comia pipoca com uma perna atirada em cima do pufe e os braços contraídos se apoiando no sofá. À vontade, como gostava de ficar. Saí do banheiro só de calcinha e camiseta, mas com o corpo encharcado. A blusa grudou na pele molhada, transparecendo os bicos duros. Fui atravessando a sala, balançando o cabelo cinicamente:

– Eita, esqueci a toalha no quarto.

Alfredo foi virando pescoço até perder-me de vista, eu sei disso porque senti seus olhos lambendo as minhas costas, a minha bunda. Acho que ele não acreditou no meu escrúpulo, então, repeti o número enquanto ele não percebesse que eu o convidava. Das outras vezes, fui fazendo isso com Roberto presente. Ele dizia sonoramente:

– Essa bicha é descarada.

E Alfredo calado, inexpressivo. O próximo ataque foi quando fingi que o sutiã tinha emperrado na blusa. Gritei por ajuda aos dois. Fiz de tal forma que eles seriam obrigados a tocarem nos meus seios. Fiquei excitada com a brincadeira. Não foi fácil tê-los tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe. Mas ganhei ao sentir Alfredo suspirando disfarçadamente, e o Roberto reparando em mim, com suas mãos indiferentes, mas, ao mesmo tempo, curiosas.

É claro que seria mais fácil despertar o Alfredo, que era hetero, do que o Roberto, mas fui pelo caminho mais difi-

cil porque gostava de desafios. Pois era ele que eu queria. Roberto era tão bonito que a mulherada lamentava. 1.92 de altura, uma safadeza no olhar, tu aguenta? E só dizia o que era se bebesse (mas ele bebia todo dia). Eu estava doida pra ver como era seu pau, então, pedi pra ver. Achando que era brincadeira minha, ele colocou pra fora, e eu, sem avisar, caí de boca. Roberto ficou boquiaberto, mas não fez nada pra impedir, apenas permitiu – gostando.

Depois passou a me procurar mais pra falar de Alfredo, dizendo que o queria, porém sabia que o Alfredo queria a mim. Fizemos um trato: ficaríamos os três juntos, nem que fosse a última coisa que fizéssemos.

No dia seguinte, um domingo, todos de folga e a programação chata da TV aberta. Comecei a fazer sexo oral no Roberto na frente do Alfredo, e o Roberto:

- Você não quer um pouco também, não?

Com os olhos arregalados, Alfredo ficou estático, descrente na pergunta e na tensão sexual que se instalou naquela casa. Nervosamente, abri o zíper da calça do Alfredo e engoli seu pau até a goela. Roberto me queria, eu sei, eu senti quando ele começou a fazer sexo oral em mim, e eu fui a mulher mais feliz do mundo naquele momento.

No entanto, a minha felicidade maior foi vê-los se consumindo porque eu pedi. A expressão de gozo e satisfação de Roberto foi indescritível. Alfredo transmitia uma estranheza, uma relutância, mas se entregava, até não se importar mais comigo. Eu gozei em vê-los tão íntimos, tão amáveis, tão solúveis e entranhes.

Hoje não sei se Alfredo ainda é noivo daquela patricinha ou se já é casado. Sabemos que, no dia seguinte, foi embora

e sumiu de nossas vidas. Eu e Roberto viramos uma espécie de casal: ele me satisfazia e eu também, com a condição de que sempre procuraríamos um terceiro elemento para completar a nós dois. Sentimos falta do Alfredo, das suas mãos, do seu rostinho incomodado, do seu jeito de quem pede freio. Tememos mais ainda pela sua infelicidade. Se o nosso momento lhe foi uma ofensa, nos sentimos ofendidos por ter nos abandonado. Afinal, a fuga é certamente uma forma de procura.

DIAMANTES

Era meia-noite em algum lugar do mundo, e os dois estavam lá, frígidos, não importasse a circunstância. Às seis da manhã, ele se despedia com um beijo na testa; ela ainda dormia, ou fingia, eu é que não vou saber. Ao meio-dia, a comida estava pronta; ela, já desaparecida (de onde?). Esses desencontros foram ficando tão comuns ao ponto de se encontrarem um dia e não lembrarem mais do rosto um do outro.

De qualquer maneira, havia uma espécie de amor ainda preservado, e era por ele que mantinham aqueles mesmos velhos hábitos de sempre, pavorosos de que até aquilo que se tornaram se dissipasse. O que eram senão uma soma de aquilo?

Quando ela resolveu desabituar-se, reavivou as singularidades do corpo, tudo por um fatal acaso: apaixonara-se. Regressando a casa, sempre a mesma, esta lhe pareceu insuportável, desde as previsíveis fotografias aos fatalistas dias de domingo.

Ele desconhecia as causas de tanta zanga e amolação. Fazia de tudo para agradá-la, mas o tudo não se faz, porque esse não existe. O que estava ao seu alcance, melhor dizendo. Portanto, prometeu os jardins suspensos da Babilônia, entupiu-se de glória. Ela, coitada, nada via. Definhava nos próprios impulsos.

Gasto, pôs-se dali pra fora, sem compreender o que de fato acontecia. Havia algo acontecendo, inegavelmente. Porém preferiu negar. Em nome do amor.

O amor não impõe negativas, dizia ela, enérgica, balançando o dedo no ar. E nada além da verdade contou. Tirando um pouquinho ali, remendando acolá. Mas, em suma, verdade. Ele, sentindo a crueza, não sofreu. Negou mais uma vez. O biombo no coração quase fê-lo explodir e não revidou, pois aquelas palavras estavam atravessadas na garganta feito espinha de peixe e não voltavam para a digestão nem saíam pela boca. Por medo da controvérsia. Por medo de se tornarem aquilo que tanto caluniava.

Mergulhado em tamanha ausência de resolução, começou a escrever poemas. Nenhum verso capaz de fazê-lo viril novamente aos olhos dela – que tombava em sofrimento ainda pior. Uma hora vinha a saudade, outra, a loucura, outra, a intemperança. No entanto, tudo o que deglutiua peito adentro a encaminhava a vícios e outras turbulências. Confabulam que elas tornam a vida um tanto quanto mais tolerável. O que sei é que a gente vai inventando formas de se distrair no intervalo entre morrer e nascer.

E ela persistia no seu pesadume em chamas. Uma mulher mórrida, assim diziam, rebentada em prantos até diluviar-se. O que ninguém desconfiava é que, enclausurada, coleciona-

va diamantes. Foi tecendo um colar, belíssimo, e, um dia, ao cessar das lágrimas, saiu com ele na rua. Todo transeunte vislumbrava tamanho brilho no pescoço. Ao ser perguntada da materialidade da joia, ela apenas respondia em tom esnobe: amor. Paixão. E todas aquelas coisas que você nem desconfia.

BIG BANG

E eu vou me casar com um vendedor de peixes. Começo com um conectivo aditivo porque a vida, mesmo literária, é sempre somativa, e o princípio veio bem antes de vaidades como essas. Creio que o universo se expandiu indiscriminadamente, sem pensar nas minúcias humanas. A nossa maior tragédia foi termos nascido, alguém sabido disse.

Como ia dizendo, vou me casar. Não sei de que forma isso poderá ter relevância enquanto estória, mas é um fato extraído de alguma realidade – já não sei se foi da minha ou da sua. E, para melhorá-la, digo que o meu futuro marido não é empregado coisíssima nenhuma. Dono do próprio negócio, ele coordena uma granja. Ah, que gafe! Granja é de galinhas. Na-na-ni-na-não. Poupe-me de tentar denominar o que não cabe no meu conhecimento. Os dicionários interessam a pouca gente, e eu não estou entre elas.

Casarei com um homem que, além de promissor é bem

afeiçoado, pelo menos vê a minha paixão. Há um desprezo ou algo pior nisso tudo, visto que as minhas amigas não me desejam nem bodas de algodão. Despeito é uma dessas coisas fruto do big bang.

O criadouro de peixes vai bem, não sei se a venda. Talvez a atividade de pesca seja bem mais prazerosa do que a empresarial. Então, quem sabe eu não fique de olho nos peixinhos enquanto o meu futuro marido estará enfrentando engarrafamento e o estresse dos clientes. No entanto, me conhecendo bem, acho que logo serei alvejada pelo tédio, já que eu não sou dada a permanência. O exercício diário naturalmente nos entrega ao ódio. Ou talvez me saia melhor no próximo casamento, pois esse não tem data marcada nem previsão para acontecer. O vendedor de peixes até que é bonito, mas fede no balcão do mercado central. Fedentina de peixe exalando até do buraco do dente, pude ver melhor quando me sorriu. Seu troco, ele disse, e nunca mais voltei ali. Não sou mulher fácil.

SENHORITA LINS

Éramos quatro, afinal, um rapaz e três moças. O bendito Enos chamou para uma breja no fim da tarde e já fechávamos a primeira grade (bingo!), com exceção da senhorita Lins, que preferia vinho tinto. É claro, vermelho-sangue na boca é um convite inconsequente à paixão, e ela fazia isso de caso pensado. Sua boca tinha um desenho, digo eu, dos mais obscenos, por mais séria fosse – senhorita, diminutivo de senhora? Depois de umas doses, afrouxava o riso e os segredos, deslizes propositais, eu diria, para se ter encantada e maravilhosa por entre a gente. Enquanto ela desopilava como ilegítima ré confessa, eu a admirava. Tão leve, tão santa, tão minha amiga. Escrota. Acaba de revelar a todos algo que eu ainda não sabia. Fiquei com o Jairo, disse, várias vezes. E eu sei que ele tem um bambolê no dedo desse tamanho. Eu também tenho. Que mal há?

O problema é que o Felipe não quer nos embebedar à toa, pensei: ele quer nossa vida à mesa, de graça, límpido-

da, frágil, pronta para um ataque sem compaixão, jogada ao desastre alheio. Além de nos querer com os peitos desavergonhados na medida em que escancaramos a boceta pra ele.

Foi quando ele aproveitou a deixa e já meio ébrio perguntou se nos masturbávamos. Caroline não conseguiu disfarçar o constrangimento e sorriu; logo ela, tão adulta. Eu e a senhorita Lins nos entreolhamos – juro que não foi combinado – e respondemos um “sim” em jato simultâneo, surpresas com a revelação uma da outra. Felipe ficou cheio de glória: sabia!, gritou, e foi pegar mais cerveja. Senhorita Lins, meu vinho chileno acabou, tenho apenas do português, serve? Ela disse: claro, tudo é do mesmo veneno, e se sentou ao meu lado me perguntando o que eu achava do ataque de pudor de Caroline.

Felipe voltou animado, queria detalhes. Sem juízo, contei como os dedos espremiavam meus lábios inferiores, frenéticos no ar simulando a procura do meu sinal vermelho. Surpreendi-me quando a Senhorita Lins me corrigiu; disse que seu modo era calmo e que não precisava de pressa para encontrar o ‘frenesi’, já que ele seria o seu completo estado de paz. Mas aí eu falei que a excitação era uma febre apaixonada, um delírio do corpo, uma espécie de tremor impossível de controlá-lo. Senhorita Lins, volúvel e perspicaz, atçou: a excitação é um coito permanente, minha cara amiga, e nada melhor do que “controlá-lo” com um parceiro, não é mesmo?

Felipe se empolgara. Suado, tirou a camisa – um físico nada atraente. Sua barriga caiu por cima da encolhida virilidade e fiquei descontente. Droga, odeio desanimar. Mas

a senhorita Lins estava tão risonha comigo; eu a abraçava, tão querida e cheirosa. Sua beleza era ofensiva, chegava a doer!

Então, Felipe, completamente bêbado e desconsiderando totalmente o deslocamento de Caroline, disparou: Em quem pensam quando se masturbam? Senhorita Lins engasgou; eu fui previsível, fiz-me de desentendida, um charme desnecessário nessas horas. Felipe repetiu, dessa vez, foi enfático e incisivo. Queria saber, portanto, nos enchia os copos, turvava as nossas almas. Carolina se irritou. Para ela, aquela conversa a humilhava. Uma moça frígida, coitada, vivia numa tristeza arrogante. Eu e a Senhorita Lins – juro, mais uma vez, que não combinamos – fomos respondendo aos poucos. Eu disse que pensava numa mulher de cabelos longos e sobrancelhas bem desenhadas, peito grande e pontudo. Ela disse que pensava numa mulher também (todos pasmos e compreendendo), ruiva, irreverente, de beleza formidável. Caroline, enfim, se interessou, viu a coisa se emaranhar, desistiu de ir embora. Felipe estava zozinho, mas atento, e insistiu sofregamente: Nomes! Eu quero nomes! E então soltei como um vômito, nem pensei em consequência: Penso na senhorita Lins!, e ela, me olhando com um prazeroso espanto, gaguejou o nome de quem vos fala. Eu repeti mais forte depois, com segurança, como se o desejo não fosse mais proibido. E ela, já com meio sorriso indecente, foi abrindo as pernas devagar dizendo meu nome.

SOBRE DIAS OPOSTOS

Havia um remorso engasgando aqueles olhos. Não digo que foi por isso que Matilde mexia tanto as mãos sobre a mesa, sem saber se buscava o copo ou as fatias de tomate. Teimo, o abafado de sua voz me revirava o estômago. Seus 29 anos e dois casamentos desmantelados davam um filme, sabia? Ela sorriu. De lá, tanta cerveja, tanto frio, atravessamos a rua em direção ao *pub* onde estavam os demais. Um de Brasília, outro de BH, outro de não me lembro. Havia os seus conterrâneos de São Paulo. Eu era o único esquisito. Eu era o único que adoeceu por causa de um frio de 19°C.

Não vou justificar, deve ser fraqueza minha ou inexperiência. Mas o bom é que eu disfarçava e até ofereci meu único casaco a Matilde, que, naquela madrugada, vestia apenas uma regata e começou a se queixar de arrepios. Não sei como não morri.

Dois maridos, dois cursos superiores, que mais? A consequência era admirá-la pelo seu desquite. Ainda mais pelo

segundo. Levei um murro no nariz, ele quebrou. Nesse tempo, não existia Maria da Penha, e a lei achava natural as esposas apanharem dos maridos.

Ela se negava, no entanto, em falar dos ex, só dos projetos que gostaria de construir nos próximos dias. Eu não queria que chegassem os próximos dias.

Na universidade, aprendemos a subornar a lista de frequência e fomos conhecer a cidade. Tudo bem que conhecêsemos a noite, mas tardes como aquelas também mereciam ser vistas. O corredor acadêmico era deprimente, ninguém estava ali por causa dele e eu não suporto vaidades – só a de Matilde, que ficava assustadoramente linda com aquele cabelo pra trás, como se o seu rosto fosse a única existência.

Mergulhamos em praças, museus, coisas bonitas de se ver. E havia um pôr do sol numa ponte que nos levava para o meio do mar, era assim que a gente pensava, mesmo que muito faltasse para chegar no tal meio. E Deus é tão bom que não fazia frio, pelo menos assim eu não teria que tremer na frente dela feito um marica.

Retornamos para o alojamento, meninas para um lado, rapazes do outro. Quando fui bater a sua porta para levá-la ao bar, ela disse que estava indisposta e naquela noite não iria beber. É que bateu saudade do filhinho. Mostrou-me foto e tudo mais. Sentei pra conversar e nem saí mais dali. A todo momento, Matilde trazia alguma novidade da sua vida. Ai de mim se não lhe desse atenção.

Combinamos que assistiríamos às palestras nos dois últimos dias, mas que teríamos gás para viver a noite. É claro, proposta dela que eu obedeci. Eu vinha obedecendo muito mais que as suas palavras.

Os demais perceberam a visível preferência de Matilde por mim. Observei bem se havia malícia nesse comentário e em cada olhar dirigido a ela. O meu, sem dúvida, era o que estava mais embriagado. E ela, já com espírito afetado, contou-nos que era daquelas mulheres que requeria o sofrimento da rejeição. Se flagrasse o coração do homem exposto, o engolia só por maldade. Infelizmente, assumiu uma escrotice.

Fiz menção de contar-lhes algo interessante. Mas o quê? Eu era um menino. Concluindo o curso de direito e? Nenhuma relação de sangue, nenhuma sobrevivência pós-guerra. Ela não. Fez teatro. Desistiu. Foi professora. Cansou. Sonhou um dia em ser arquiteta, no entanto sua matemática era falha. Tentava tudo de novo, porque de tentar ser feliz não cansava.

No dia seguinte, fomos juntos ao aeroporto. Voos quase no mesmo horário, tivemos sorte, ela disse. Os outros só iriam embora à noite, então, mais uma vez éramos só eu e ela, e aqueles olhos que não denunciavam mais certo desequilíbrio ou instabilidade, mas alguma coisa de fé e esperança. Não sei por que atribuía isso a mim. E não sei por que também não tentei beijá-la. Matilde ficou horas me olhando, com aquele sorriso de quem espera. Fingi que não entendi; por mais que fosse isso que eu mais quisesse, sabia que não queria dor na lembrança. Não ia saber o que fazer com aquele mundo que atravessou a mim feito cometa desbaratinado. Então o deixei partir, um pouco triste por não ter caído em cima de mim.

Até o próximo ano? Até o congresso do próximo ano. Por algum motivo, Matilde não tomou nenhuma iniciativa.

Talvez soubesse do que em pensamento eu estava falando: a nossa completa nulidade enquanto futuro. Foram incríveis oito dias, não foram? Tive de concordar, sorrindo, sem lhe entregar a minha lágrima antecipada. E ela embarcou naquele 03 de agosto para nunca mais.

SÓ VOU ESTAR BEM AMANHÃ

—Ei, você.

Estanquei o passo. Por um instante, pensei que meu coração também tivesse parado de bater.

— Esqueceu isto em cima da mesa.

Havia deixado a carteira no balcão. Ainda existe gente boa no mundo. Aliviada, agradei, botei-a na bolsa e fui.

No ônibus, tentei me certificar pela vidraça se eu estava pálida. Às vezes, entrávamos nuns desses túneis e a obscuridade fazia com que meu rosto plainasse na janela, feito espírito ruim. Nas pernas, um volume de Sartre novinho. Mas os dedos, ao requererem maior atenção, foram à boca e quase arranquei as cabeças.

Eu poderia ligar para alguém. Romper-me em palavras, é assim que a gente se cura, dizem os terapeutas. Mas as terapias sempre me enfadam, pois elas nunca conseguem adivinhar aquela angústia desverbalizada que eu apanhei num dia qualquer e está aqui desde então. Os amigos também

não, mas, pelo menos, eles conhecem quem eu conheço e, mesmo errando, os deixo opinar.

Na lista telefônica, tem uns dois amigos que poderiam me atender. Coloquei a mão no bolso e paralisei. Alguma coisa me dizia que se eu sacasse o celular iriam tomá-lo de mim. Olhos tortuosos se declinavam sobre o meu assento de deficiente. Eu não sou deficiente.

Em algum momento, mais tarde, consegui conversar com alguém que não fosse eu. Falamos por uns dois minutos quase, isso porque contabilizo os tormentos. A minha amiga estava feliz, não tive coragem de transmitir a ela minhas negatividades. E continuei com a alma inflamada.

Já que o Plano A não deu certo, providenciei um escape que não pode ser chamado de plano B, porque esse ainda vou inventar quando eu estiver menos apática.

O escape consistia em abrir os frascos na minha farmácia de casa. Entre aspirinas, anti-inflamatórios e *band-aids*, havia rivotril em gotas e alprazolam. Longe de mim tomá-los juntos; eu, que sempre tive medo de morrer, evitava ao máximo interações medicamentosas. Sei que os médicos prescrevem vários medicamentos para serem administrados de uma só vez, mas eu não sou médica.

Os olhos, em carne viva, ou porque não dormia o suficiente há noites ou porque já morria, ficaram presos no espelho, assistindo a essa miséria de vida que não sai do corpo enquanto Deus não mandar. Eu buscava ar em todos os buracos, inclusive nos meus. O que entrava bastava apenas para lançar mais descargas do que havia de pior em mim. Se fechasse os olhos, temia que as pálpebras grudassem uma na outra e eu vivesse para sempre naquele terror. Por isso

estava acesa, por mais que a mente me abandonasse em vertigens.

No bolso detrás da calça, o celular me energizava. Estive fora por tempo indeterminado e, quando vi, já havia perdido três ligações. Não sabia de quem se tratava. Retornei.

- Acabei de verificar no *e-mail* que amanhã chega aquele livro que você tanto queria.

Era o bibliotecário.

- Você está aí?

Dei meu telefone para ele?

- Bom... Só liguei porque você disse que queria muito esse livro.

Por que ele não esperou para dizer só quando devolvesse *O ser e o nada*?

- Desculpa, se eu tiver incomodado. Boa...

- Espere!... Eu só me assustei. Onde pegou meu número?

- Na sua ficha.

- Não me leve a mal. Você ligou na hora certa. Vou querer o livro.

- Que bom que você vai voltar antes.

-... Obrigada.

- Por nada. Desculpa, mais uma vez. É que sou ansioso.

- Não há problema.

Após desligar o telefone, já não lembrava se tinha tomado algum remédio. Resolvi que não colocaria nada pra dentro. Já estava cheia e decidida a esperar a tempestade passar.

Fui me deitar sem ler Sartre, não tive a ousadia. E tentei de tudo: exercício de respiração, contar carneirinhos, mas dormir que é bom, nada. Saber que, no dia seguinte, iria

ter que acordar na mesma cama, no mesmo quarto, sendo engolida pela mesma vida, me maltratava. Invejei a resolutividade dos *master coaching*, onde tudo não passa de uma percepção negativa nossa. Mas tudo é uma questão de sorte, e, como não tive, estou aqui fingindo não estar. Aguardando a morte ou algo melhor.

E depois, existo. Existo para o café da manhã na padaria, porque os tremores me impedem de cozinhar; existo para os horários e prazos que preciso cumprir até o fim do expediente, em que não enriqueci nem me amei; existo para os engarrafamentos e brigas e exaustões e desencontros e insensibilidades. Existo, por fim, para a biblioteca, na qual passo às vezes quando perco o ônibus das 18h30min. Alugo livros que não leio, tenho hábitos que não são meus. Numa das minhas frágeis decisões, a próxima meta seria ler a obra recém-chegada na biblioteca. Poderia convidar o bibliotecário para tomar um sorvete, como agradecimento, mas não obrigatoriamente naquele dia. Só queria que soubesse da existência, a partir de então, do meu desejo de tomar um sorvete com ele. Porém não sei até que ponto essa ânsia também é frágil.

EXAME DE PROLACTINA

Na chegada do ambulatório, Zilda se encontrava irritadiça, “trânsito ruim”, justificou, mas disso eles não querem saber, disseram apenas “sente aqui, fique em repouso por meia hora. Sua agitação pode alterar o resultado da prolactina”.

Putz. Não sabia por que o médico havia passado esse exame; o que teve foi um sangramento atípico e fora do ciclo, que mal há? O mal de estar classificado como um infortúnio para quem deseja ter uma boceta sempre limpa.

Porém sentou-se, isenta de impor regras. O exame assim era feito e, por isso, cedeu na cadeira, procurando o tal relaxamento requerido para a situação.

No vai e vem de pacientes, era impossível obter qualquer espécie de tranquilidade, pois, num ambiente doente como aquele, ninguém tem paz, nem mesmo os homens de jaleco. Nem mesmo eles.

Num dado momento da vida, aprendeu que havia um pedaço dessa paz dentro de si, bastava fechar os olhos e respi-

rar fundo. Então respirou tão fundo que atingiu as profundezas. Mas tudo o que via eram as mãos de Paulo, agarrando as suas para que não se mexesse enquanto ele a penetrava, mais fundo ainda, como se brincasse de se afogar e de se perder.

Zilda teve a sensação de lhe caírem sobre si supostos olhos de curiosidade, porém não os devolveu, somente se manteve em permanência, recebendo o retorno da energia provocada por uma mulher umedecida.

Paulo a amarrou ao gradeado da cama com um lençol vermelho e dizia, entre tantas palavras indecorosas até mesmo para um espírito insano, que não teria pena. Involuntariamente, Zilda se pompoava. Havia uma guerra ali dentro. Latejava ao ponto de seus lábios grudarem um no outro e pedirem o enxuto das mãos. E Paulo a chupava envaidecido de como ela se contorcia.

Imagino como Paulo se sentiria ao saber-se assim: recapitulado, numa poltrona de hospital, habitando um corpo que há pouco fugira de sua cama por não suportar as chamas, despudorada de lembrança.

“Zilda... Zilda? Venha, vamos colher seu sangue”.

A carne dos olhos se levanta, atordoada. Tudo o que sabia era que se chamava Zilda e ele, Paulo. O resto eram paredes brancas engolindo o que acontecera há pouco.

TEMPO

Já faz muito tempo desde a última vez. Talvez porque o remonto de modo eclesiástico: há tempo das histórias acontecerem e há tempo de se fazerem registro. No momento pernoito e, por isso, não tenho disponibilidade para tomar nota das delícias ou desgraças que atravesso. E aquelas criadas por mim são meras convenções da própria angústia. Intervalando para a hora da recriação, aqui tenho uma personagem dualíssima, que interferiu no meu nadismo, na minha insignificante utilidade, então padeço. Para não enlouquecer, ela, Joscilena, me faz uma proposta. É que a vi passar pela rua com uns olhos assim tristonhos e uma cara de indisfarçado desencanto. Quando nos cruzamos, juro que pretendi buscar a sua mão para um aperto, ou era eu quem precisava disso e por isso enxergava demais. Depois sonhei com ela. Joscilena, mulher de uma beleza inconsolável, chorava na minha lembrança em busca de alguma eternidade. Não pude negar tal pedi-

do. Como mulher solteira e sem filhos, Joscilena gastava todo o seu dinheiro consigo. Todavia o para si não era tão possível, pois do aluguel, supermercado, contas de água, luz, telefone, prestação de faturas e plano de saúde sobrava o insuficiente para as suas ganâncias.

Sou demonstradora de autoestudio, e gabava. Realmente, o salário era além do mínimo, mas longe do muito. No fim, a vaidade de Joscilena consistia em parar frente às vitrines e contemplá-las em horário de almoço. Esperava, religiosamente, o 5^a dia útil do mês para poder utilizar o salário à vontade. Como da vez em que a vi. Parou diante uma loja de couros e ficou meia hora examinando cada modelo de bolsa. Soube que voltou novamente no início do seguinte mês. Quis levar dois modelos, aí lembrou que seu ar-condicionado precisava de manutenção e a pia da cozinha vinha dando problema. Uma coisa ou outra. Então decidiu esperar mais um tempo para poder se saciar.

E, por falar em saciedade, vale lembrar: era mulher de poucos desejos. Intuíva que dormir era o melhor prazer, porque homem nenhum esteve lá de modo a estraçalhá-la. Não que fosse virgem. As mulheres lhe interessavam, mas tinha medo. Por enquanto, envelhecia. Era uma tonta. Rogava pela paz no trabalho e pela estabilidade. Para ela, o cartão de crédito liberado significava liberdade, como visitar os pais em sua cidade natal uma vez por ano também. Ninguém desconfiava que fosse infeliz. Talvez uma conversa com ela fosse insípida. Vai saber. Abrigava-se na solidão, seu lugar-comum; tão cômodo estar só quando a existência não ecoa. Quis resgatá-la e dar-lhe de presente a bolsa que pretendia levar. Ou um abraço. Entretanto des-

confio de que ela negaria tal importância.

Um dia, Joscilena surtou. Nada previsível. Mandou o patrão ir à merda e sumiu no mundo. Reapareceu dias depois drogada num boteco – não era nem de beber. Quando perguntada pelo ocorrido, desesperou-se em desmemória. Se sofria era de fato um apagamento.

Perdeu o emprego e não foi atrás de outro, nem dos direitos da previdência. Passou a devanear, maltrapilha. E, para completar, numa noite dessas atirou uma pedra na vitrine, aquela. Entrou na loja e procurou a bolsa que tanto queria e aproveitou para pegar um par de sandálias que ali lhe despertou a atenção. O alarme logo chamou os homens da segurança, plantonistas da madrugada. Alcançaram-na com o objeto de furto em dois quarteirões dali. Não impôs resistência. Estava satisfeita, parecia outra. Apenas lograva êxito: eu comprei, eu comprei! Rindo, os guardas empurraram sua cabeça para dentro do camburão e trancaram-na cheios de ódio. Num dado instante de sanidade, deixou escapar entre murmúrios: bem que podia ter pena de morte. O que disse, sua louca? E o rosto voltou a sua fosca, débil e irreverente aparência. Talvez como antes.

AMÉLIA

Amélia era uma daquelas moças que ficavam cheias de encanto por razoabilidades, incapaz de resistir a seduções. Ela mesma era deslumbrante, mas não tinha conhecimento disso ou ignorava. Aos 17, estreou no teatro, embora tenha passado muitos anos fazendo oficina. O espetáculo lhe deu uma personagem sofredora e sem brio, diferentíssima do seu caráter brando, e isso a empurrou para um amadurecimento fora do tempo. Por esta razão, começou a achar o mundo sombrio e inóspito, no apesara.

Não me atrevo a dizer que ela deixou de ser bonita. A profundidade das suas reflexões só a deixou ainda mais instigante. Num viço que tentava os homens que portavam aliança. E ela, toda inocente.

Nisso Amélia nunca teve sorte. O primeiro namorado foi um músico, e a fama deles por estas bandas, como se sabe, é das piores. Dizem que são promíscuos, desapegados e mentirosos. Talvez seja real.

Mas ela acreditou em tudinho dito por dele. Até mesmo que era livre para amar sem culpa. Amélia ficou tão brava ao descobrir a verdade que quase o matou, atirando-lhe na cabeça todos as garrafas de vinho que viu pela frente.

Coincidência ou não sua melhor apresentação se deu enquanto mulher desiludida. Com o espetáculo “Alguém tem que sofrer” em cartaz, a sua personagem padecia em sangue, tanto, que convenceu a todos, como uma Fernanda Torres da vida. E teve fãs. E teve glória.

Percebeu então que pretendia colecionar dores. O sorriso de Amélia e a aparência de boa moça não combinavam com a sua sina. Precisava do silêncio dos amortecidos e trazer-lhe à face a decadência dos milhões de anos da atmosfera. Assim se tornaria uma boa atriz como desejava. Assim chegaria sem riscos à destemível plenitude, da qual ouvira tanto falar em clássicos de autoajuda.

Numa dessas, conheceu Jorge Henrique. Sentado na primeira fileira, Jorge aplaudiu de pé e fez perguntas a Amélia no debate pós-espetáculo. Jorge voltou para assisti-la todos os dias da temporada. Ao final dela, já estavam juntos, na cama e na vida.

Dessa vez, Amélia estava preparada. Jorge Henrique já tinha esposa e filhos, e ela não se sentiu ofendida em saber. Tornou-se cúmplice do pacto de descrição do amante para que ela pudesse ser feliz. Para que ela, em hipótese alguma, terminasse aquela história em sofrimento.

Foi quando Amélia descobriu a gravidez. Ele ficou todo alegre (e preocupado). Agora teria que abastecer a ambição de paz de duas famílias. Tudo bem que Amélia soubesse da outra e o ajudasse em tudo para esconder o caso. Porém a

esposa, se descobrisse, seria capaz de matar Amélia e o seu futuro filho. Teve que se dividir e iniciar uma estressante vigilância.

Amélia deu um tempo dos palcos, mas não desistiu completamente do teatro. Durante a gestação, contribuiu com a dramaturgia e a direção. Não conseguiria deixar de trabalhar nesse período nem nunca. Chegou a dar aulas com o bucho desse tamanho, e todos a achavam uma grávida tão linda!

Ao final da aula, após os alunos se despedirem, recebeu uma inesperada visita. A direção da escola bem que poderia ter impedido a entrada da escandalosa, mas a escola não tinha portaria nem direção. Amélia desligava o *datashow* quando parada no vão da porta a ameaça se pronunciou:

-Você bem que poderia esconder. Com esse bucho aí, tão à mostra!

Amélia empalideceu. Vagarosamente, pôs o aparelho sobre a mesa e se voltou para a mulher o mais dignamente possível.

-Você sabe. No fundo, sabe - ela emendou entrando na sala e se sentando, como se fosse uma aluna - me diz, você dá aula de quê?

- Iniciação a roteiro - com voz sumida.

- Você escreve histórias como essas que você vive? - a mulher tentava ser natural, embora propusesse uma ofensa - assim, porque isso que faz é indecente. Tem coragem de reproduzir?

Amélia sentou-se, não sentia as pernas. Não suportava o olhar de repressão da outra. Mais reprimia que odiava, e isso por si só já era a própria amoralidade.

- Depende - respondeu numa falsa altivez - de qual seja o seu conceito de indecência. Além disso, o teatro não tem compromisso com a verdade.

- Minha querida, você é responsável por um monte de gente. Mentira ou não, acha justo empurrar goela abaixo essas obscenidades nas pessoas?

- Creio que você não esteja aqui para julgar o meu trabalho.

Após um silêncio e um meio sorriso malicioso da mulher:

- Tem razão. Não sei por que estou aqui. Queria te ver - levantando-se, observava Amélia ao ponto de se torturar - dizem que é linda de doer, mas acho que esse bucho te afeou. Está ridícula, gorda - finalizou sardônica.

- Como queira, não vai me atingir.

- Perdão - voltando a si - não quero ser como as outras mulheres em casos como esses. Mas eu gostaria de compreender, te admirar como ele te admira. Só acho que não precisava ter filho - a mulher parecia uma pouco mais calma.

- E o que você quer que eu faça? Engravidei e vou ter meu filho.

- Mas o seu filho não precisa ser do meu marido.

- Isso não é você quem decide.

- Quem disse? - bateu a mão na mesa - você acha que é assim, ficar desfilando por aí embuchada de um homem que já tem família? Não vê o que as pessoas dizem? O que eu sinto? Nunca pensou?

Amélia quase caiu em síncope, mas era turrona. Dar o braço a torcer jamais, somente um olho avermelhado de vergonha.

- Eu sinto muito. Acho que pensei em mim. Mas vou ter um filho e agora penso nele. Você pode ir embora?

- Agora é assim: entra na minha vida e me manda ir embora. Não posso ir embora. Se eu pudesse fazia essa tua barriga se espalhar pelas costas, mas aí eu seria assassina e me tornaria a culpada, quando desejo que ele continue me amando.

- Se isso te conforta, ele te ama - Amélia quase chorava. A voz entrecortada, trêmula e pequena, combatida pela ferocidade da outra.

- Ah, ele me ama! - como se se impressionasse com o próprio dito derreou na cadeira, inteiramente contemplativa - você sabia - depois de algum tempo - o amor está entre o passado e o futuro? O amor independe de qualquer atribuição, ele é a própria paciência.

- E o que você quer dizer com isso?

- Ora - disse a mulher como se tivesse ficado decepcionada - você não é tão inteligente? Então reflita.

- Eu gosto de pensar sozinha.

A mulher se contrariou. Sentiu-se compadecida de Amélia, seus olhos tristes e triunfantes, apesar de embaçados pela culpa. Estava tão confusa! Ia saindo respeitosamente quando perguntou:

- Você tem algo a me dizer?

- Eu nunca tive. Sempre cuidei o máximo para que você não sofresse, embora a sua existência não fosse um empecilho para os meus momentos de felicidade com o Jorge. Então, como vou ter algo a te dizer? O máximo que posso te falar é que espero sinceramente que nos compreenda. A paixão não escolhe, e ela nos torna egoístas. Eu consenti

que ele violasse o carinho e a contemplação por ti porque competimos entre nós para que alguém acabasse perdendo. A bomba estourou justo em cima da sua cabeça, e eu lamento que esteja sofrendo. Mas isso era inevitável. Vou te deixar bem claro: eu não sou a vítima, ao menos que decida me matar agora.

-Você é cruel! - num rompante.

-E você é hipócrita!... Acha mesmo que no meu lugar não faria o mesmo? Acha-se tão superior assim ao ponto de controlar a paixão e as suas consequências? Isso nem Deus; por isso que ele não é um homem.

-Essa coragem...

-Está nas suas mãos agora. Não tenho medo do seu ódio, da sua reprovação, do seu escândalo - Amélia esganiçava.

- Você pede tanto; é uma insana!

Amélia levantou-se imperativa.

- Por que sou capaz de te compreender e você não a mim? Somos mulheres e amamos o mesmo homem. Por que as mulheres se fazem tão inimigas?

- Me admira que tenha reagido. Até firme está. Mas não vai mudar o asco que sinto por você.

- Que seja! Agora vá embora daqui e me deixe em paz!

- Vá embora, vá embora, vá embora... Quantas vezes pedi isso em silêncio, sem nem ao menos saber se você realmente existia? E muito pelo contrário, você engravidou; uma gravidez não é coisa que se esconda.

-Eu vou sair.

Amélia ignorou a mulher e foi caminhando pelos corredores meio trôpega, segurando a barriga como se temesse perdê-la. A esposa assistiu de longe, indiferente. Dali mes-

mo, Amélia foi para o hospital e entrou em trabalho de parto. Iria dormir eternamente, se não fosse a intervenção médica. Só não conseguiram salvar o bebê.

Amélia recusou-se a enterrar a criança e fugiu do hospital com o corpo enrolado numa toalha. Entregou na porta da casa da mulher e, soturna, esperou que ela abrisse o portão. Tal foi seu espanto: dentro do embrulho um corpinho frio e rígido, sem ao menos ter conhecido a luz. O grito de horror se espalhou pela rua, pelo bairro, pela cidade inteira por incontáveis anos. A partir de então, a tudo Amélia assistiu com prazeroso masoquismo, embora o que lhe ocorreu doesse de maneira tempestuosa e sentisse certa pena da mulher. Não precisava ter sofrimento.

Cheia de mágoas e madureza, ela se permitiu gerar uma criança que chegou a nascer. Ainda e por muito tempo sem aliança de Jorge Henrique.

PAIXÃO DE BAR

Hoje eu vi um homem careca na outra mesa. Não se espante com o nome ‘careca’, ele não era velho e, mesmo se o fosse, não teria problema – eu o amaria do mesmo jeito. Foi a paixão mais rápida da minha vida. Ela durou cerca de alguns milésimos de segundos, no cruzeiro de um olhar, durante a ventura do encontro súbito e espontâneo das nossas almas, por meio de olhares assim meio curiosos, assim meio turvos, assim meio inquisidores. Eu bem que gostaria de conhecer a existência através e dentro do cristalino daqueles olhos, tão soturnos e paralisantes! Se alguma coisa me ficou daqueles olhos, acho que foi um certo grande amor, daqueles devastadores, que tatuam a gente, aquém da nossa percepção. E foi exatamente isso que me atingiu bem no peito: um todo amor que chegou até a mim enquanto fatia de eternidade, fixo no gritante intervalo de um segundo. Nesse meio tempo, imagino que cavalgamos pelos vales do oeste, entendemos a limitação da intimidade, caprichamos

naquilo que não se faz por capricho. Nós nos amamos, breve e braviamente, mas nos amamos. Ou não? O que não seria o amor senão isso? Adorar cada oportunidade de amar, de enxergar o outro, mesmo e tão somente que seja num único e intransponível olhar?

MORRER DE BEBER

D. Hermínia tem quarenta anos, nenhum filho e trabalha como professora adjunta num instituto federal, desses que têm se espalhado pelo país. Ela é viúva ou, pelo menos, assim se diz ser por considerar morto o ex-marido que lhe deixou por uma *razão muito justa* – grifo do próprio. O alcoolismo vinha atrapalhando a convivência deles há anos, e não se espante se eu disser que a alcoólatra aqui era ela. Isso mesmo: quando ele chegava do trabalho, encontrava-a jogada no tapete entre meio mundo de vodca, sem proveito nenhum. O marido deu advertências: falou que se fosse ele que estivesse numa situação daquelas era possível deixar passar, mas ela... Inconcebível um comportamento como esse para uma esposa, que trocava os compromissos matrimoniais por um copo de chope. Restou ao marido a fuga em nome da honra, é claro. E ela que suportasse o tranco sozinha.

À mingua da solidão, criou sua máxima de boteco “já

bastava não ter filhos, agora também não tenho marido”. E as companheiras de pinga, as poucas que lhe restavam, erguiam os copos e gritavam e choravam e sorriam. Sobre tudo, tinham no riso aquela espécie de alheamento comum aos ébrios, aquela devassidão.

Um dia prometeu parar de beber. Os homens, ao perceberem que ela bebia religiosamente, ficavam com medo e não voltavam. Assim ficava difícil arranjar marido. Então chegou a conseguir passar duas semanas firme na promessa, mas completou o décimo quinto dia de abstinência bastante histérica, embargada, sofrendo horrores. Quando sentiu o gostinho da vodca descendo goela abaixo, urrou de satisfação e, incrivelmente, a sanidade voltou num passe de mágica. Deu-se por saciada e amante à velha rotina.

Só que ao longo dos anos começaram as cobranças por parte dos amigos. Reconheciam que D. Hermínia estava indo muito além de beber socialmente porque dava trabalho aos outros. Vomitava no chão das casas alheias, apagou duas vezes por falta de glicose e ainda tinha a teima de beber no gargalo enquanto dirigia! Mas, neste caso, nunca aconteceu nada de grave, só uma batida de leve na traseira de um caminhão, sem muitos estragos físicos. E, diante dos alertas, ela replicava: os amigos, cadê? Só reclamam. E assim o tempo foi passando entre brigas, porres e solidão. Outras promessas e desafios surgiram, porém ela nunca conseguiu passar mais do que cinco dias sem beber, prazo cada vez mais diminuto. Até um dia desses mesmo ela bebia somente de dois em dois dias. Assim estipulou por conta do trabalho, que só não ficou prejudicado nessa história toda porque D. Hermínia era concursada e dali ninguém a tirava. Ela sabia que se

trabalhasse pro comércio já estaria na rua há tempos. Suspirava aliviada por fazer parte da mordomia pública.

Tentou de tudo: simpatia, terapia, frequentou centros espíritas, mas a única coisa que conseguia era ficar mais frustrada ainda. Até que um certo dia alguém lhe indicou uma cartomante. Disseram-lhe que a mística era das boas: além de prever o futuro, ela ainda lhe dava uns bons conselhos para burlar o amanhã caso ele não a agradasse. Vai que funciona, e foi, um tantão assim fascinada. Chegando lá estranhou a cara de monge da mulher, seu turbante horrível na cabeça e os colares pesados no pescoço. Por um instante ficou temerosa, mas pronunciou o que desejava saber. No primeiro momento, o total mutismo; mal podia ouvir a respiração da mulher de olhar arregalado em cima das cartas mexidas. Por fim, teve calafrio e certo arrependimento de estar naquele lugar. A cartomante parou atônita. Quando olhou novamente para D. Hermínia, soltou de uma vez:

- Sabe quando você vai parar de beber? Quando morrer.

- Como assim? - de imediato, D. Hermínia ficou decepcionada e com sede.

-Você nunca vai parar de beber, está escrito. Não adianta tentar, vai ser uma bêbada até o fim dos seus dias.

- Eu não acredito que eu vim aqui para ouvir isso! - ela erguia-se enfurecida, enquanto a outra juntava as cartas com indiferença. Rebateu calmamente:

-Você não veio aqui para ouvir o que queria. Você veio aqui para saber a verdade sobre as cartas.

- Você é uma mentirosa!

D. Hermínia se arredou dali e entrou no primeiro bar que viu. Jogou-se no balcão, cabisbaixa, trêmula, fracassada. O

prognóstico refletia o seu próprio pessimismo, pois, de certa forma, sempre achou que levaria o vício pro túmulo. E era por isso que ia beber mais uma vez e mais outras e mais outras, até quando a morte a arrebatasse.

Depois de muitas, o garçom negava-se a vender-lhe a última dose, iam fechar. Estava uma mulher deplorável. Ela ameaçou atirar-lhe o punho contra a face, fazer escândalo, e hoje em dia não se contraria mulher porque aí já é violência. Vendeu. Ela ainda entrou no bar do lado e pediu uma garrafa de gim, mas o rapaz fez pouco dela. D. Hermínia começou a gritar e, para acalmá-la, deram-lhe logo o que pedia, a fim de que fechasse o bico e fosse embora de vez.

No meio do caminho, sentiu uma tontura. Segurou-se numa árvore, o litro desprendeu-se de suas mãos. Em outra ocasião, choraria, porém estava petrificada. Uma dor aguda na cabeça a espremeu, fazendo balbuciar agonizante. Viu gente se aproximando, curiosa. Foi a última coisa que pôde ver. Não sabe se chegaram perto ou se permaneceram onde estavam. Foi pro chão, espatifou-se qual a garrafa. Ligeiramente morta.

ROMANCE

Toda quarta eu ia a Teresina resolver umas pendengas pessoais e esperava vê-la. Seria uma recompensa no meio de tantas agonias. Esse negócio de ficar indo e vindo cansa, logo eu que moro longe. Iria abandonar a cadeira na universidade, a vida estava me apertando. Foi quando ela chegou ao bar; avistei-a descer do carro e não sorrir, ao contrário de mim, abobalhado. Mal sentou à mesa, vomitou:

- Eu não vou mais ficar com você.

Ignorei. Em silêncio, contemplei a tempestade.

- Eu não vou mais ficar com você - repetiu mais pausadamente, sem atropelo.

- Não vai ao menos tomar um copo?

- Nunca mais!

Levantou e saiu. E a cerveja, que não tinha me deixado bêbado, ao menos anuviou a confusão que se desenrolaria daí a pouco.

Às vezes, eu a procurava. Um mês ou dois se passaram,

não sei. Mandei-lhe um poema. Cachorrada não responder a uma poesia, é como não corresponder ao pedido de uma dança. Num primeiro momento, evitei encontrá-la. Acho que esse negócio de redes sociais é uma denúncia pessoal para quem não sabe usá-la, mas a danada é inteligente; está na cara que posta todos os seus passos porque sabe que eu averiguo, sabe que eu vou ficar me remoendo. Sabe que não tenho escolha, que a saudade independe.

E depois nós ficamos tête-à-tête; encontrei-a bêbada, esperando por outro homem que não apareceu. Fiquei com ânsia de cuspir em sua face toda a verdade que abrigava naquele instante, mas claro que a chamei de meu amor. Estava vulnerável, e é nesse ponto que acho a mulher mais perigosa. Uma mulher só é fiel até ser contrariada. O rapaz seria alvejado por um impulso que, mesmo após a sobriedade e arrependimento, não teria volta – o acontecimento descansaria no ontem entre tantas outras vergonhas.

Porém, num estalo, sorriu. Foi como se acordasse. Juro que não foi nenhuma mensagem no celular ou nada que a fizesse conectá-la verbalmente. Simplesmente um embargo de consciência. Ela fugiu, como naquele dia no bar.

Dessa vez, deixei de mão. Vá pra lá com a sua inconstância, com essa insistência de se esmurrar contra amores imaginários. Eu voltei com os meus reais, sem aguardar nenhuma lembrança sua. Porque podia ser que nela não houvesse nada. E eu permaneci na minha cidade, voltando nunca ou quase a Teresina.

E então, quando a sua pele já deixava de se extrair da minha, ela me telefona desesperadamente:

–Preciso de você.

- Quando não precisou?
- Estou falando sério.
- Eu também.
- Vai me deixar solicitar a sua ajuda?
- Sempre que quiser.
- Eu preciso de um teto aos finais de semana... Preciso escrever um livro.

Ela sabia que eu podia ajudá-la. A chácara, onde tantas vezes a levei em escapismo do mundo, estava vazia e pronta para recebê-la ou qualquer um com regalo. Na estrada de Alto Longá, ficava o sítio, um lugar tranquilo, com poço, horta, luminárias por todo arvoredo e um caseiro que cuidava também de flores. No mesmo final de semana, chegamos lá.

Como dois amigos, vale esclarecer. Eu ainda tinha certo repúdio da situação, embora achasse que ela fosse perspicaz o suficiente para perceber.

- Você sabe que a culpa disso tudo é sua, não sabe?
- Você se apaixonou por outro e a culpa é minha?

Deixei-a sozinha. Pedi ao caseiro cuidado redobrado com essa moça. Que falasse com a hóspede apenas se ela lhe dirigisse a palavra, pois se tratava de uma pessoa arrogante. Pintei horrores a seu respeito para que não restasse dúvida quanto a sua integridade moral, e tive que pagar a mais pela discricção em relação à vizinhança.

Entendi realmente que ela quisesse ficar só, mas sua ausência me desfazia a paz. Ressurgia vez por outra, e eu despertei umas duas vezes durante a noite, preocupado com a sua estadia, se ela estava em segurança, se ela estava satisfeita. Saí de madrugada. Fiquei com medo de ela ter ido

embora sem se despedir, então quis flagrá-la dormindo. Até pra saber se eu conseguiria me conter, se ela era mais forte do que eu.

Mas a desgraçada me poupou da surpresa. Estava desperta, havia virado a noite escrevendo, os olhos escavados até a alma, no átrio do seu próprio abismo. Não me contive.

- Casa comigo.

- Mas você já é casado.

Incrivelmente, me respondeu sorrindo, de bom humor. Acho que a solidão lhe fez bem, escrever mais ainda. Ela disse para eu tomar cuidado com a palavra, pois se tratava de uma substância escorregadia, espinhosa e sangria. Começou a contar de sua nova personagem, do modo como ela lidava com a casa, o seu torpor, já que as paredes seriam a narradora do seu novo romance, e, sendo assim, tudo o que acontecesse fora delas não seria do seu conhecimento.

- Como aqui, completou.

Então, ela despiu lentamente os ombros, deixando a camisola escorregar pelo corpo. Com o ventre à mostra, me entorpecí ao ver suas virilhas impressadas entre as coxas, os seios reluzentes e sem-vergonhas. Engasgados em angústias, nos entrecortamos sem adjetivos. Ela voltou a ser minha até as 16h45min daquele mesmo dia e nas 316 páginas do seu romance.

RAYOAHRA

Descobri, no susto, que o vermelho do teu cabelo escondia muito mais que a inteireza da face. Não que tal descoberta tenha me decepcionado, muito pior: instigou para um desejo sombrio, algo que desprezei inicialmente tanger. Porque, até anteontem, a franja vermelha sobre tuas sobrancelhas falhas, os fiapos quebradiços surgindo detrás das orelhas, e o rosto, tão somente um rosto que comportava uma cabeleira acobreada, me pareciam intocáveis. Quem sou eu? Aquela que se contém. Ponto. Nada aquém violenta este corpo, senão a capacidade de reter paixões inventivas.

E você, quem é? Pois bem, devo esclarecer-lhe: tu és criação minha, obviamente, embora eu cá dizendo tudo isso não o pareça. Teu caminhar retilíneo, determinado, os saltos de bailarina rebelde, o modo de sorrir esperando o simples retorno do sorriso. Você sou eu, eu sou você, nós somos – e, por isso, buscarei sempre não amá-la. Admito, porém, demais entrâncias.

Certa vez, tu chegaste mesmo muito pálida, com o cabelo desajustado. Sim, o cabelo. Eu amo o teu cabelo. Tinha como reparar noutra coisa? Onde eu estaria naquele momento, se é que me caberia em ti? Teus olhos, mergulho do profundo, iluminavam, no entanto, exatamente o contrário daquilo que destoava no derrotado de tua aparência, que negava acima de tudo dar-te por vencida. Então, supondo o advir de guerras, coloriu os lábios e os cílios, perpetuando o mesmo sorriso esmaltado. Sinceramente, foi bem ali que cheguei à conclusão. Fiquei confusa o suficiente para fugir.

Porém, antes mesmo que pudesse revelar a descoberta do espanto de tê-la em mim tão mulher, ensaiada tantas vezes através de outras cartas desistidas, cortei-me com os cacos do nosso espelho, espalhados involuntariamente por todos os chãos que percorremos no intuito de nos desencontrar, já que nenhuma realidade nos suportaria. Cortei-me ao ponto da carne violada expandir a alma, romper o verso e execrá-lo ao esquecimento por mera questão de sobrevivência. Isso porque sou forte. Isso porque, devido a tua inexistência precoce, nunca a conheci.

É. O amor é mais ou menos aquilo que a gente perde no susto.

OS BONS HOMENS QUE TIVE

Oque me fode é que tive homens bons a vida inteira. Amparo Mariane, desfeita em lágrimas, o corpo cadaverizando, e fico cheia de ternura; sou compassiva e ofereço meus ombros. A gente chora junto porque tenho sido amiga, embora não o suficiente para admitir semelhanças.

Outra vez, sentada à mesa do café, mulheres reclamavam, com razão, de desamor. Fiz dessa escuta minha escolha profissional. Tome como exemplo razão tão abrupta Alzira, que confidenciou com tremenda naturalidade: meu marido me atirou no chão, com o bucho desse tamanho, e depois não me socorreu quando perdia líquido. Perdera também o filho para uma infecção tola, e hoje o marido, que já não é, ainda a persegue com sórdidas ameaças.

Histórias como essas me pareciam irreais, nunca me habituei. Quando atordoada com um caso mais grave, ia me ter com Antônio, conseguindo, num excesso, me acalmar. Numa rara vez não, veja: ele acariciava meus cabelos,

perguntando se eu precisava de algo. Hoje não tô bem. Ele ficou inconformado e se esforçou à toa. Afinal ofereci um fingimento qualquer para não aborrecê-lo. Antônio é um desses homens bons.

Mariane gostava muito de me visitar, principalmente quando sofria desprezo. Talvez porque eu não soubesse o que exatamente isso fosse, quisesse abstrair de mim alguma segurança. Onde quer que eu estivesse, teria alguém que me serviria café com amor pra nós duas.

Meu marido é um homem bom. Meu. E todos os dias lido com mulheres amadas por homens ruins, por que logo elas? Por que justo Mariane? Elas choram na minha frente como se nada mais houvesse, sem a menor vergonha, e se amedrontam na tentativa de acolhimento. Já abracei minhas clientes. Já as abracei porque, no fundo, não entendo porque ferem sua carne, seu amor, ao ponto de que nem uma coisa nem outra possam coexistir.

Muito embora fosse minha a palavra final, às vezes, simplesmente não sabia como proceder. Não no trabalho, mas em mim depois do trabalho. E se isso acontecia, recorria ao Carlos.

Carlos, um bom homem bom. Chamei-o para tomar duas cervejas, como de costume, exatamente duas, pois meu marido me esperava, sua esposa também. Mas Carlos pediu a terceira, a quarta. Eu, dormente pela ojeriza do tempo, consenti na demora propositada. Descobrimos nossas faces voluntariamente. Sem coito romântico, transamos.

Como toda mulher aos trinta e tantos, engordei. Mariane sempre invejou minhas roupas, então lhe doe. Caíram-

-lhe demasiadamente bem. Ela é bonita, mas não sabe; narra com preciosismo a própria concepção do ridículo que acabou se tornando, e sua beleza virou somente especulação que meus olhos faziam dos seus traços. Se não é bonita para o homem que ama, não há possibilidade de ser para mais ninguém. Descrê de todo elogio, o questiona, o desdenha. Passei a desistir de Mariane. Percebi isso quando desabava em meus braços e só conseguia ansiar pelos os de Antônio.

Pedi a ele perdão pela última ausência, porque havia sido a maior e única, e ainda que não compreendesse me abraçou – enfim, os braços. Disse-me coisa bonita para emitir conforto, e concordei: o amor não dá em árvore, mas paciência a gente planta. Pacientava-se em me amar em troca do próprio amor.

Em casa, o marido massageava-me nos pés. Sugeri que viajássemos – você precisa esquecer aquelas mulheres.

Aquelas mulheres.

Pensei bem. Eu devia, mas não podia, justamente por não ser.

Paciência; o amor não dá em árvore, respondi, na esperança de entendimento.

Ele compreendeu. Aguardaria, obediente, o tempo. O motivo não precisa dizer.

Na delegacia, as segundas-feiras tendiam a ser dias incendiários. Se há um lugar em que a amargura humana se encontra potencializada é onde eu trabalho. A não ser no atendimento pessoal, evito olhá-las diretamente nos olhos. Passo de óculos escuros, cabeça curva, pois apenas a visão do corredor cheio de pés me deprime. A que vinham

não era capaz de resolver em muita parte, e desgastava-me tamanha impotência.

Chamei Carlos e perguntei as ocorrências. Ele repassou-me sucintamente os casos de violência física, psicológica e de histerismo. Mandei-as entrar, sem distinção de fluxo. Marquei todo tipo de audiência e me dei conta. Com exceção de minha mãe e Mariane, jamais vivenciei nenhum abuso na relação. Mamãe sofreu até morrer: meu pai restringiu-a do mercado de trabalho e de vaidades, para que não se deslumbrasse a si mesma e a outros homens. No fim, ele a trocou por uma mulher que conheceu numa farmácia na sessão de cosméticos. Ela empunhava, com muito orgulho, seu batom rosa-choque.

Ora, por que tão submissa, mamãe? Seu pai sempre volta pra casa. Não é a primeira vez que ele faz isso. Ele vai voltar, minha filha.

Quem sou eu para julgar a solidão alheia? Deixei-a ao menos esperar. Assim morreu, sem revolta.

E no susto das recordações, entre uma e outra denúncia, Mariane esgoelava lá fora, exigindo não aguardar a vez. Está de olho roxo, disse Carlos. Mande-a entrar.

Mariane reclamava de dor. Já foi ao hospital? Expliquei todo o procedimento. Nunca senti tanto ódio de um homem na vida. Depois de muito esforço, ela contou como aquilo aconteceu. Seu ex-marido se aborreceu porque ela o procurava reincidentemente; mesmo após ele a tendo bloqueado de diversos números, ela lhe telefonava por outros. Chegou ao cúmulo de se ajoelhar enquanto discutiam, implorando voltar. Ele a esmurrou porque não suportava ver o que ele havia feito àquele rosto que um dia talvez tenha

amado. Machucá-la foi a melhor saída, já que desmoralizá-la não era suficiente para afastá-la de si.

No entanto, em frente ao espelho, procurava meios de negar que estava irreconhecível por conta dele.

Cuidar de Mariane foi a única coisa que me restou naquele momento. No entanto, mais tarde quis se refugiar na minha casa, mas mandei-a para outro canto. Tinha urgência pessoal inadiável.

Neguei colo de Antônio. Dispensei as preocupações de Carlos. Fui para casa e, apesar do espanto do marido em me ver de volta tão cedo, deu-me um beijo no rosto que me imprimiu impetuoso asco, o que me levou a ligeiramente esfregar os dedos para limpá-lo. Incrédulo da minha atitude, perguntou o que ele havia feito para reação tão inesperada.

Nada. Eu que mereço apanhar. Sou depravada. Promís-cua. Eu não mereço teu amor. Eu te traí... Várias vezes, em dez anos. Você não vai fazer nada? Vamos, me bata!

Parecia que ele tinha levado um tiro. Ficou ondulado no ar, levou as mãos à cabeça e foi sentar-se, tudo naquela calma irritante. O pior de tudo é que nos seus olhos não havia a menor reprovação.

Calculava conscientemente causa e consequência. Em instantes, tinha a resposta pronta:

Mas você me amou durante esse tempo?

Seria melhor um tapa. Dada a minha obstinação à verdade, teria ofertado a outra face. Queria ser quebrada em pedaços. Não diria remorso, algo menos humano me incomodava; algo que não recebia nome de matrimônio, nem respeito nem fidelidade. Acho que eram os dias que já pas-

saram e os que estavam por se antecipar. A memória e a ansiedade, o irrevogável e o medo.

Sim. Amei e amo.

Ele foi à adega, escolheu um vinho e me serviu.

Há alguns anos, viajei para Portugal para apresentar um trabalho, lembra? Lá conheci Manoela, por isso estiquei a viagem pouco mais. Não demos certo; ela, muito nova, e tinha você, bem mais vivaz e esperta. Como sabemos, ficamos entediados um com o outro, e hoje estou com Fernanda. Ela é garota de programa, boa moça. Eu a ajudo a pagar a faculdade, também quer ser delegada. Quer mudar de vida, isso é bom, e eu apoio.

I

Esperava, confesso, qualquer repreensão. Se ele tivesse exercido a moralidade da qual tanto se orgulhava, teria sido menos doloroso, porque, no auge do meu egoísmo, senti ciúme.

Será mesmo que ele foi capaz de ser tão puto quanto eu?

Ele sorriu. Sorriu tanto que deixou o copo cair. Ninguém se ateu a recolher os estilhaços que ficaram entre nós. Ele avançou devagar, premeditando a inconsistência daquela memória futura. Consentiu que viesse, e então se fez. O corte na minha garganta, tudo rápido demais, sem defesa minha, sem hesitação sua. Deixei pender a cabeça no tapete cheio de cacos. Ouvi, além da minha respiração agonizante, os cacos sendo esmagados pelos seus pés que se iam sem pressa.

II

Bem, então não fui a única. Só que a traição, contudo, não o tira da sua condição de homem bom. Jamais usou nenhuma palavra ofensiva para se dirigir ou se referir a mim, muito menos me agrediu. Posso pedir, então, que hoje deixe de ter essa aura tão bondosa e me maltrate por todos os orgasmos que não tive com você.

Frio.

Não respondeu. Disse que precisava tomar ar na varanda e pediu pelo amor de Deus que não fosse junto. Deixei.

Pela manhã, fez as malas, acho que devemos ter dormido sobre cadeiras, já não lembro a dinâmica dos acontecimentos. Para ele, desisti daquela fixação de apanhar como forma de punição. Na verdade, apenas calei, como também ele não pronunciou um som sequer depois que acordou. Ainda assim, preparei a mesa do café da manhã para que comesse comigo. Contrariada, tanto durante a noite como nesse início de manhã, não derramei nenhuma lágrima. Porém, ao ver que ele havia saído sem tomar café, caí no chão, completamente vencida.

III

Por quê?

Por que o quê?

Portugal... logo após o nosso casamento.

Você também.

Não praticamente em lua de mel!

Não faça cena, por favor. O que importa quando tenha

acontecido, se eu cuidei para que nunca soubesse?

Em lua de mel, estávamos apaixonados, você não devia...

E hoje, você deve?

Quando mulheres não tem lua de mel com seus maridos, elas dão um jeito de ter isso fora!

Ninguém consegue passar a vida inteira em lua de mel. Pelo menos, não com a mesma mulher.

Não com o mesmo homem!

... Quer outra lua de mel? A gente se separa e você casa de novo.

Não falo de certames. De certa, não tenho nada. Você nunca vai entender. E é por isso que a gente vai se separar.

É pra separar? Pois eu saio agora.

Vai lá, ficar com a sua garota de programa, e vê se pega pelo menos uma gonorreia!

Vou para um hotel.

Está me escutando? Vá embora e não me volte nunca mais!

Não entendo o porquê disso.

Me solta.

Você me traiu e continua me amando.

E daí?

Eu te amo, também te amo.

...

O que fode comigo é que tive homens bons. Você é um bom homem.

...

O que foi?

Eu menti.

Quê?

Nunca tive amantes de fato.

... Não faça me sentir pior.

Falo a verdade. Não queria ficar por baixo.

Diga que me traiu!

Não! Não te trai! Não dessa forma que você pensa.

Manoela existiu?

Sim, mas foi só uma noite ou duas.

E Fernanda? E a faculdade?

Tudo historinha porque você me humilhou. Existiu Fernanda, Fabrícia, Fabiana, mas nunca uma amante, nunca!

Não posso acreditar.

Infelizmente, é verdade. Você não sabe o quanto me arrependo agora de não ter feito. E isso não tem nada a ver com amor.

Só resta uma solução pra nós dois.

Diga.

Me puna. Resolvendo ou não, me maltrate. Eu mereço.

Não aproveite, que estou com raiva.

Você é um homem bom, sabe disso.

... Vire de costas pra mim. Não esqueça...

...

Que apesar de todo...

Meu ódio...

Eu...

...

Te amo.

A ÚLTIMA VEZ

Um casal reencontrava-se um ano em vez, para noticiar a vida. Naquele dia especificamente, ela se pesou na cama, contando os fardos. Ele mal escutava, empolgado em compreender a logística da divisibilidade humana, e ela, desconfiada de ausência, lhe acarinhou as costas frias.

- Isso não faz mais sentido.

- Isso o quê?

- A gente.

- Foi você quem me ligou.

- Não ligaria?

- Talvez. Nunca passamos de ano.

- Seria melhor que não tivéssemos combinado.

- Nunca chegamos a combinar... quem disse? Afinal, nem lembro.

- Faz quantos anos?

- Três, que você foi embora. Cinco de namoro.

Ele sempre silenciava primeiro. Apesar do tempo ido,

sua maneira de evitar falácias à beira dos choques da convivência era o que fazia Fernanda se reapaixonar. Fosse insensatez, e era, cedeu a mais uma paixão de duas horas. Mas em seguida, cheia de orgulho, prometeu em nunca mais.

Passaram-se dois, três, quatro anos, e ele simplesmente não a solicitou. Fernanda lembrou-se dele vez ou outra, como quando comprou um apartamento ou passou num concurso, em que teve reprimida vontade de compartilhar, quem sabe, alguma parcela de felicidade. Só que havia o marido, sempre presente; com ele viajava ou ia jantar fora em celebrações como essas.

Certa ocasião, no supermercado, enquanto escolhia o leite do Lucas, alguém esbarrou seu carrinho no dela. Sem tirar os olhos da prateleira, Fernanda apenas aconchegou o carrinho para si. Alguém se rebelou:

- Vai mesmo fingir que não me conhece?

Ela se virou, realmente apertando os olhos. Depois de relutar contra a memória, cumprimentou-o sem muita lição.

- Vejo que está bem - ele parecia decepcionado.

- Não lembro quando não estive.

- Quer tomar um café ao sair daqui?

- Meu marido vem me buscar.

- Pra quê essa mágoa?

- Quem disse que estou magoada?

- Não quer falar comigo.

- Você que nunca mais... - hesitou, a criança.

- Seu marido me atendeu da última vez, me ameaçou de morte - sussurrou.

- Quê?

Ficou de face acinzentada; olhou-o profundamente no intuito de verificar em qual parte do rosto a mentira se denunciava. Ele, no costume, calou-se de olhar rijo, tipicamente omissivo e sedutor. Antes de se retirar, deixou em sua mão:

- Este é o meu cartão, caso precise de móveis projetados.

Fernanda observou-o ir. Continuou ali, colocando os suprimentos necessários no carrinho, contendo Lucas para não quebrar nada. Pouco depois, tirou o cartão do bolso e o rasgou.

- Não mexa, meu filho, isso é lixo. Dos piores.

O marido chegou quando já estavam na fila do caixa. Ao colocarem as compras na sacola, depararam-se com uma briga dois caixas após. Uma mulher esgançada esbofeteava o peito de um homem; este parecia alheio, tanto aos golpes como ao resto do mundo. Era ele, o bonito, alguém quase ninguém. No instantâneo, recordou-se: anos atrás lá estava ela, lidando com um sociopata, culpando a si pelos erros dele, completamente desvairada pelas inverdades que ele conduzia.

A família foi embora pela saída oposta, queriam evitar a vergonha alheia. Em casa, inconformado e ainda tonto com o que vira, seu marido disparou:

- É incrível como alguns homens não sabem cuidar de suas esposas, não é, meu amor?

O ILUSTRE CONVIDADO

Percebo, há alguns dias, que uma mulher me segue. Principalmente quando vou pegar o metrô de volta pra casa, ela sempre me observa a poucos passos de onde sempre me encontro. Quando ela nota meu olhar se esgueirando ante a sua curiosidade, simplesmente torna a face para o lado contrário e vai embora.

Acontece é que, na correria do dia a dia, as pessoas seguem na rua sem ao menos se entreolharem, o que dirá parar para a contemplação de um rosto desconhecido que nem o meu. Penso logo que estou cagado ou qualquer coisa do tipo. Todas as vezes que vejo a sua completa atenção aterrissar sobre mim, verifico logo se há alguma sujeira visível no meu fardamento. Visto que não, ao lançar o olhar inquisidor de volta, ela some, sem deixar o menor rastro, apenas uma enorme inquietação.

Além do que, preciso dizer o quão bonita ela é. Não costumo descrever loiras, delas não me apeteço muito; mas,

neste caso, ela me surgiu com as madeixas claras, então, preciso ser fiel a minha transpiração poética. Eu ficava vergonhosamente abobalhado com a vontade de desvendar o agito que me causava sua presença.

Então, propus-me ir ao seu alcance. Toda noite, encerrado o expediente, eu pegava o metrô na estação final do centro, e sempre o antepenúltimo, quando quase toda a gente já tinha voltado pra casa. Meu plano foi ir pegar o último, para ver se lá ela estava a me esperar, pois, mesmo eu sendo um feioso apático, tinha a enorme sensação de que ela me aguardava sempre. Fiquei feliz ao comprovar que sim. Lá estava ela, com os mesmos braços cruzados, com o mesmo capuz protegendo-a de uma chuva que não caía há meses, com os mesmos fios de cabelo loiros que saíam da capa, cobrindo o peito certamente pontudo que se escondia por trás daquela jaqueta preta. Quando me viu, desconcertou-se e esvaiu-se antes mesmo de perceber que eu me adiantaria em alcançá-la. Ela corria e olhava seguidas vezes para o relógio de pulso; e eu atrás, o mais silencioso quanto podia – fora as pisadas monstruosas que amassavam o chão, o arquejo controlava o máximo possível.

Saído da estação, avistei-a subir numa moto (e droga de mim que não tinha uma). Por sorte, havia ao meu lado um ponto de moto-táxi. Vai atrás dela, vai!

Foram quase 20 minutos de uma corrida acirrada, em que eu fazia de tudo para não ser visto. Paguei o cara e nem notei quando já me encontrava sozinho, pois estava vislumbrado com o que via. Ela havia entrado numa casa que, segundo um colega meu, era uma espécie de harém, permitida a participação só de convidados. Ouvi essa his-

tória somente uma vez, nem acreditei. Para mim, existiam os motéis e os cabarés. Outro lugar que fosse uma espécie de templo com o intuito de foder na minha concepção simplesmente não existia. Mas devo confessar que a surpresa tinha vindo em boa hora. Eu, de certa forma, me senti convidado: meu corpo chamejava, na certeza de que ela estaria lá, nuinha. Fiquei de pau duro. Aproximei-me. Todas as portas estavam bem fechadas, e aquilo ali era um beco sujo da cidade, não podia eu ficar ali desamparado, enquanto uma musa loira se abria toda lá dentro, e eu não sabia pra quem. Então, fui chegando mais perto, à procura duma brecha. Não sei se proposital, havia sim uma, na janela de vidro, cuja cortina não a fechara por completo. Quando ia conquistando a primeira espiadinha, uma mão tocou-me no ombro.

- Oi.

- Oi!

Ela sorriu-me, parecia ter achado uma gracinha esse vexame.

- Quer entrar?

- O que tem aí dentro? - fazia-me de doido.

Fiquei gago, broxo, vesgo, qualquer coisa que denunciasse a minha ansiedade em avançar em cima dela. Nunca tinha me acontecido isso antes. Mulheres hoje em dia estão bem mais fáceis, não no sentido de leviandade, mas no que elas mesmas não têm mais esse receio de se entregarem no primeiro encontro, o que é uma bobagem. Mas ali não era um encontro. Ali não tinha nada de convencional. Tudo era de uma grande estranheza e, no fundo, senti medo. Podia eu perder um rim ou sair de lá com alguma

doença venérea, mas esses pensamentos arredios, aos poucos, iam se materializando em prazer, porque ela, minha Deusa, botou os peitos para fora da blusa e começou a massageá-los com cara de sacana. Juro que eu ia esporrar ali mesmo, quando se adiantou:

- Afaste-se. Você tem que saber das regras. Você vai entrar aí e não poderá fazer nada, apenas assistir.

Sua ordem, apesar de absurda, parecia-me tão envolvente que cedi sem contestar. Eu era o seu servo, seu vassalo, seu esperma rendido.

- Acompanhe-me.

Ela segurava a minha mão e com a outra desabotoava a fivela de sua calça. Quando enfim ficou nua, o corredor que dava acesso à sala se findava, e nos encontrávamos lá, eu de olhos arregalados diante da primazia que fui concedido a ver. Dez mulheres lindas chupando-se e masturbando-se mutuamente, em sincronia prazerosa, lividamente. Antes da minha Deusa se juntar a elas, disse seriamente:

- Você não pode triscar um só dedo em nós, se não será expulso e morto - e olhou para o alto, no intuito de mostrar-me: no andar de cima, havia homenzarrões transando também entre eles. Preferi não olhar; sentei-me numa poltrona e percebi que, ao meu lado, me aguardava um uísque com energético. Gostei do tratamento e bebi como um rei. Ia aos poucos granjeando o transe comum do sexo, como se eu mesmo estivesse ali no meio delas. Eram ninfas sensíveis aos toques; uma delas estava deitada sobre o braço do sofá enquanto a outra sugava a sua boceta ao mesmo tempo em que outra, comia essa por trás, no impulso incansável de se inserir-se por dentro da carne.

Quando dei por mim, já bebia e me masturbava. A minha deusa olhou-me e eu perguntei logo:

- Posso?

E ela:

- Claro que pode, você não pode é nos tocar.

Esse limite me deixava fascinado e enfurecido para rompê-lo. Eu não era mais o funcionário de uma loja pobre, formado em contábeis com uma média muito baixa no curso. Eu não era mais o morador da zona sudeste que pegava metrô todos os dias e ficou todo envaidecido só porque uma loira fez o favor de reparar em mim. Eu não era mais o cara chato que corria contra o tempo para ganhar reconhecimento, não pelos meus esforços cotidianos para viver, e sim por simplesmente viver. Agora, eu era um grande espectador e apenas isso. Na minha vida, não havia antecedentes nem fatos posteriores, resumia-se a uma casa de sexo que explodia libido para todos os lados. Tudo ali cheirava a sexo, e de repente me vi sem camisa, suado, o pênis cada vez mais graúdo e minha mão em incansável movimento, como se almejasse enfiar-se pelo meio delas e comer alguma boceta desprevinida.

Elas nem me olhavam mais, estavam tão difusas e entrelaçadas, os corpos tão colados, os olhos revirados de gozo, os rostos agora irreconhecíveis na contração nervosa do auge do prazer. Eu não me reconhecia; a mente esgotava-se de toda e qualquer lembrança, tudo ademais tornou-se nulidade. Existia eu ali, que já não conseguia me controlar. Qualquer uma delas me serviria para me matar. Ergui-me e fui ao encontro da que estava toda aberta do meu lado - uma de suas amigas amassava-lhe os seios - e

eu meti-me dentro dela, gritamos simultaneamente. As outras uniram-se todas no ímpeto de beijar-lhe os seios, e eu a fazia receber seguidos golpes da minha carne erétil. Vi quando a minha deusa ficou de cócoras na face de sua amiga e forçou-lhe a chupá-la. Todos nós gemíamos, e eu retirei o meu pau, e o pus no cuzinho da minha loira, sem aviso. Então, introduzi até que não aguentei mais e o retirei dali, esporrando todas elas, principalmente as deitadas, eu as fiz engolir tudo. Mexi-o mais um pouco, mas já estava morto. Elas continuaram. Mirei-as assustado do que tinha feito, lembrei: “Você não pode tocar nenhuma de nós, senão será expulso e morto”. e então, peguei a minha camisa e saí dali, sem olhar pra trás.

Na avenida, eu num tremelique só, tratava de rememorar aquilo que há pouco vivenciara, mas estava de lembrança embaralhada; o sono abatia-me e estava quase sem dinheiro pro motáxi. Fui para a parada de ônibus todo desconfiado. Nem sinal de nenhum daqueles grandalhões a me espreitar, mas minha vista não descansava e procurava qualquer sombra que acusasse perigo de morte. Num dado instante, me desequilibrei quando ia subir a calçada e caí, cabeça rente a uma pedra. O sangue banhou o asfalto, a roupa quente; minhas pernas, impossibilitadas de movimento, ocupavam a rua, e eu me afogava idiotamente na própria saliva. Enquanto agonizava sem socorro algum àquela hora da noite, o meu único pensamento fora: nunca mais tornarei a ver aquela loura.

PAPA ANGEL

Já estava tarde e meu despencar de ombros denunciava que eu não seria sua mulher naquela noite. Pudeste investir, mas o amor havia vencido. Com toda a sua calma e tédio. Até a cerveja perdeu o sabor. Insistíamos criativamente em assuntos que logo faziam o favor de se retirar – quando uma mulher passou pelo corredor, ao lado de dois rapazes. Até aí, tudo muito monótono, como a nossa saída broxante de sexta. Então ouvi: ele é papa angel. Apenas isso e de repente estava nua num motel barato entre uma pequena poça de sangue. A moça desapareceu. O papa angel não. Eu só tinha 15 anos e continuo sendo sua musa. Permanecerei sempre mais jovem, podem se passar mais uma década ou duas.

Ele é papa angel, ouvi. Como posso já tê-lo odiado se o amo? Anjos fodidos estão condenados, mas pior seria se não houvesse amor. Fui arregaçada até a alma. Caso contrário não transformaria “ele é papa angel” na umidade

entre coxas. Derretendo entre coxas. Implorando entre coxas.

Ele é papa angel, ouvi. Será que em todas haverá uma relação cármica? Serei punida por ter nascido depois? Continuo sendo sua musa. Ainda tenho 15 anos e meu fogo só aumenta. Faço 30 na semana que vem e possuo as ancas de uma inocente. Ele se arremessa fora da lembrança toda vez que a punheta não o conforta. Nunca me tornei nada, nunca virei pó. Talvez por isso ele me odeie.

Ele é papa angel, ouvi. Mas nem dei bola. Abri as pernas como quem fez da buceta o próprio templo. Deixei que me batizasse, no apesar. A dor foi me incendiando por dentro ao ponto de não haver mais chance pra mim. Estava lesa cremada perdida. Ainda assim me sentia bem-vinda ao inferno.

Ele é papa angel, ouvi. Foda-se. Me fode, porra! Paguei todos os meus pecados no instante em que me tornei mulher – com todos os chavões agora proibidos do termo. Resurgi, uma monstruosa pétala renascida. Capaz de virar o jogo a qualquer momento e sempre que o quiser – desde que não permita se intoxicar pelo grito mordida sangue, pelo cuspe dos que vieram depois.

Ele é papa angel, ouvi. E eu só tinha 15 anos.

CALIGRAFIA

Era mil novecentos e cacetada. Eu tinha acabado de aprender a datilografar. Embora esse ofício fosse inerente às moças, minha inclinação por fixar caracteres no papel vinha de longa data. De tanto ver minha mãe bordando nomes bonitos em toalhas, atividade da qual tirou o capital para pagar meus estudos, acho que fiquei com a impressão de que as letras não poderiam viver soltas, deveríamos pregá-las nalgum lugar, já que tivemos a audácia de criá-las. Então, paguei o curso por considerar fabulosa a profissão de datilógrafo. No começo, causou estranhamento, pois eu era o único homem da turma. Um rapazote que reprovou de propósito no exame adimensional do exército por coxear com exímia atuação. É claro que minha mãe abominou tal atitude; queria-me fállico e, para isso, seria preciso portar armas e a honra do brasão no peito. Porém, logo se acostumou com a ideia de que eu sairia pela manhã e retornaria logo mais à noite, sem nenhum risco de terem atirado em mim.

Confesso que minha maior felicidade foi ter sido convidado a trabalhar numa empresa onde havia um pequeno departamento de redação de apólices, pouco depois que finalizei o curso. Mal saí da escola de formação e já ingressei no mercado de trabalho, como redator chefe. Junto comigo havia mais três colegas de trabalho, mas, devido ao revezamento de horários, nunca nos víamos.

Os três primeiros meses foram exaustivos, porque a demanda era muito grande, e eu só tinha dez dedos e oito horas de jornada por dia. Não que eu não estivesse gostando, datilografar era meu sonho, mas, tendo que lidar com essa atividade em tempo integral, descobri o desprazer da monotonia.

Todavia ficava tão eufórico ao ver os documentos prontos sendo encaminhados à bancada dos supervisores sem nenhuma advertência que logo as câimbras e a confusão mental eram amortecidas para darem espaço a uma indescritível satisfação pessoal. Eu me sentia, em menos de seis meses, um homem realizado e feliz.

Ainda durante o período dessa felicidade, completando talvez um ano de datilógrafo, houve um acontecimento inesperado na empresa: todas as máquinas seriam trocadas por outras mais modernas e teríamos que passar uns quinze dias redigindo os documentos à mão, enquanto as novas não chegavam; ou seja, usaríamos a caligrafia para tratar de assuntos burocráticos. A princípio, fiquei receoso de me acostumar com tal ofício e perder a paixão pelas letras garrafais. Contudo, nem me deram a chance de executar essa função, por considerarem ilegível a minha escrita. Chateado, assumi o posto de revisor, já que o patrão dizia que eu era o me-

lhor em correções ortográficas. Afinal gostei da confiança dada, mas analisar o erro dos outros para mim seria bastante enfadonho.

Então, recebia em minha sala cerca de trinta a quarenta cartas por dia. Em caso de equívoco, eu escrevia de maneira correta por cima da rasura para o colega transcrevê-la. Só que tal serviço era tão demorado e minucioso que obrigava a todos nós cumprirmos hora extra. Ah, que saudade de pressionar os dedos nas teclas e *voilà!* Eis aí a caligrafia perfeita!

Numa dessas retiradas de expediente tardo, recebi uma última que, se não fosse pela necessidade do emprego, a deixaria pra segunda-feira. Respirei fundo e me sentei. Abri, li e reli. Um único deslize apenas. Não diria que fosse erro, confusão talvez. Ninguém com uma letra tão impecável escreveria uma vírgula em local inadequado, ainda mais sem nenhuma outra falha no texto da qual reclamasse. Então fiz como sempre e enviei a réplica para o corretor. Era assim que se fazia: éramos funcionários fantasmas.

No percurso para casa, fiquei matutando. De quem seria aquela letra rechonchuda e equilibrada, qual professora de português? Sim, estaria explicado, tão certinha deveria ser professora de língua. E sim, era mulher. Tinha que ser mulher.

Na segunda, no meio de tantas cartas, reconheci imediatamente a última lida na sexta-feira e sobre ela um cartão amarelo escrito com ainda mais cuidado. Nele a missivista se sentia lesada e me expôs, com direito a exemplos e conceitos, uma aula sobre vírgulas. Tive o ímpeto de amassar o papel e atirá-lo na descarga, porém, quando os olhos se depararam novamente com a letra, tive medo de sufocá-la

– fazê-lo seria meu assassinato. Portanto, sentei, respirei fundo e tomei café, não sei se nessa ordem. Pela primeira vez, desde que havia ingressado naquela empresa, não tinha cumprido a minha habitual rotina vespertina. Mastiguei um biscoito para me acalmar, já que não podia fumar. Ora essa, por que pensava naquilo? Logo eu que nunca havia tragado na vida, para mim, todos os fumantes se tornaram charmosos. Depois me vi lendo o bilhete com carinho, a advertência não havia sido de todo má, pois acabei reconhecendo meu erro – e lidava com alguém que, certamente, errava menos que eu. Então, redigi agradecendo a miniaula e pedindo desculpas pelo engano, acusando o cansaço a causa daquilo tudo. Fui cordial, creio.

Logo em seguida, me pus a verificar os trabalhos posteriores. As demais epístolas, por mais que fossem jeitosas, não apresentavam o escopo da letra da dita cuja. Sim, nem o bilhete ela teve a decência de assinar. Não conseguia saber de quem se tratava porque as cartas assinávamos com o nome da empresa. Os supervisores sabiam a quem destiná-las, porque eram numeradas, 1 a fulano, 2 a cicrano e 3 a beltrano. Ela era o número 2.

Por despeito, também não assinei. Eu era somente o número 4. Não cabíamos no mesmo corpo porque éramos metade.

Ansiava ver chegarem as suas cartas. Eram documentos de exímia qualidade, miraculosos, destoantes, pois a letra, desenhada em grafite puríssimo, não cansava a vista. Imaginei como os clientes recebiam-nas e fiquei com ciúmes. Claro, se eu estava caído por sua caligrafia, os outros também não? Sonhava com ela, sua perfeita ordem, sua imperativi-

dade. A forma como induzia meus olhos a grudarem sobre si e me querer tirá-las do papel para salvá-las da solidão, em companhia apenas de si mesmas ou da semântica desastrosa que provocam.

E, além de torturar-me com tamanha sedução, eu me obrigava a lidar com a exatidão de cada frase sua ou palavra minuciosamente escrita, algo que, no fundo, me desesperava, por acreditar que ela passaria a ser o número 4, e eu nem desceria ao posto 2, em virtude da letra descabida ao sistema gráfico. Revirava diversas apostilas de português e nada encontrava de que pudesse reclamar, nenhum desacerto ou menor fracasso.

Quando caminhava pelos corredores, ficava imaginando nos rostos das mulheres sua escrita, o modo como se denunciavam a cada gesto, suas miudezas e grandezas, suas contidas histerias. Numa dessas, poderia encontrar o número 2. Porém, sua letra não cabia em nenhum rosto jamais visto. É verdade. Nunca havíamos cruzado nem o olhar nem o tato.

Números. Somos apenas números e letras.

Foi aí que decidi redigir outro bilhete, perguntando a ela porque cargas d'água nosso (im)possível encontro nunca acontecera. Muito rápido obtive resposta, o bilhete surgiu na janela qual sopro de adrenalina. No minucioso, ela lembrou-me apenas do revezamento de horários. Sua letra parecia-me mais descontraída; estava deitada, mas nem por isso menos elegante. Imaginei-a fora do ambiente de trabalho e passei a desejar lê-la sempre daquela forma, reconhecendo a partir daí que a caligrafia dos documentos redigidos parecia, no mínimo, engessada, embora fosse belíssima. Longe de mim condená-la por seu perfeccionismo, sobretudo exe-

cutado em cumprimento do seu dever, mas vê-la caída conforme vinha no bilhete era como se a visse sorrir.

Ansioso pelo retorno, lhe devolvi o cartão provocando-a com a seguinte proposta: podemos combinar um café, então. Em cinco minutos, o envelope voltou, concluí que ela deveria estar bem próxima. A letra, ainda mais gracejosa, me disse: você é louco? Perderíamos nossos empregos. Não respeitar o revezamento dos horários seria afrontar as normas da empresa... Mas você tem alguma ideia?

Fui de todo tremor. Vi que carregava as noções dos deveres com o ardor da controvérsia. Mulher de fibra, sem dúvida. A isso é que se deve temer – mulheres assim amedrontam de maneira mais catastrófica que uma simples caligrafia.

Devolvi a mensagem sugerindo que um de nós saísse no café normal e o outro fosse ao banheiro. Ela sugeriu que eu mentisse o horário, pois, se descobrissem o encontro naquelas condições, seria eu provavelmente o único prejudicado. Concordei e aguardei ansiosamente às dez horas da manhã do dia seguinte.

Fui para casa todo serelepe, até mendigo deitado numa sacola de lixo me pareceu conveniente. Dei-lhe duas moedas e prossegui rua abaixo tal Charles Chaplin. Eu era um reles número que, em breve, encontraria sua metade. Visão romântica e metódica, eu sei, mas pensando nisso não dormi como também não acordei.

Estava tão excitado e contente que não percebi a nova máquina de escrever sobre a mesa. Fui direto para a pilha de documentos encostada num canto, quando me surpreendi com o bater na porta. Era o supervisor, perguntando-me de

maneira ácida o que fazia de cócoras. Disse: nada menos que o meu trabalho, e ele retrucou, quase a tropejar: seu trabalho está sobre a mesa; quero estes documentos (atirou sobre mim uma pasta) devidamente redigidos até o final da tarde.

Fiquei atônito. Não acreditei que o período da caligrafia havia chegado ao fim. Esqueci-me completamente que aquela revisão não fazia parte da minha rotina habitual, passando a receber as letras manuais com a alegria de um datilógrafo. Tentei voltar a trabalhar, obviamente, entretanto com olho voltado para o balcão todo o tempo, à espera de, ao menos, duas linhas dela, e nada além de trabalho veio. Tomei, então, iniciativa na correspondência e escrevi: você está aí? A resposta fria e cheia de estranheza foi: estou, mas quem é você e o que quer saber? Logo vi, não era ela, tanto pela antipatia como pelo magro da letra. Ora, das duas uma: ou a colocaram para fora da empresa ou foi remanejada de cargo.

Mesmo assim, no horário marcado do seu café, saí para ir ao banheiro e desviei a rota, com os olhos à procura de olhos calígrafos, olhos que tatuassem as próprias mentiras. Vi diversas mulheres conversando, no entanto, não pude atribuir a nenhuma delas a grafia 2. E por que, logo agora, sua existência se resumia em apenas um número? Saí perguntando: você é a número 2 do setor datilógrafo? Houve risadinhas e certo interesse por parte delas, e um supervisor, que me olhava à distância, denunciou-me à gerência por estar perambulando em horário comercial com tal pesquisa. No final do expediente, recebi uma advertência. Para a minha surpresa, estava escrita à mão. Assim dizia:

Estimado nº 4 do setor datilógrafo

Quando se criam normas numa empresa, as mesmas devem ser cumpridas. O senhor as desobedeceu hoje descumprindo o horário e com uma curiosidade, no mínimo, dispensável. Informamos que, se persistir nesse comportamento, o senhor será remanejado de cargo. Enquanto a sua dúvida externada nos corredores, esclarecemos apenas que a nº 2 segue com outra numeração em um departamento distinto. Se o senhor estiver insatisfeito com algo em nossos regulamentos, é importante que avise aos supervisores para que seja dispensado. Caso contrário, lembramos que os seus serviços são muito úteis a nós e pedimos que mantenha a disciplina de sempre.

Despedia-se com o seco atenciosamente, nº 1, setor de não sei o quê de contratações. Bufando de raiva, e, confesso, decepcionado, tomei posse da máquina e retornei à atividade datilográfica com a força de um vulcão. Claro que estava inconformado. Claro que fui lesado. Claro que as voltas que dei no corredor foram por causa dos sopros instantâneos de paixão, daqueles que pressionam o peito até sufocar caso não atendamos aos próprios impulsos. De súbito, atentei ao som das teclas e constatei que antes ele me deixava em transe, mas agora me irritava a ponto de querer destruir tudo. Recordo de ter aguardado um retorno mais humano da tal nº 1 por mais dois ou três dias, enquanto cumpria o meu dever de datilógrafo exemplar. Mas as horas silentes com o despencar das letras garrafais no papel deram-me um norte: escrever uma carta endereçada a todos os setores com a seguinte renúncia:

Desviei-me dos tiros que não quis dar por considerar essa profissão a qual exerci até o momento um tanto mais sóbria

que as outras. No entanto, acabei de dar um tiro no pé. Com essa missiva, passada a embriaguez de um desacerto, anuncio que saio do cargo o qual ocupo hoje para entrar em nenhum outro aqui dentro dessa empresa. E, apesar da horrível letra que aqui veem, a partir de hoje me dedico somente à caligrafia.

Sei dos risinhos de deboche que se espalharam por ali durante os próximos dias e pensar neles foi justamente a minha salvação. Contentava-me quando na rua eu invocava as pessoas pelo nome e podia ouvir-lhes a voz. No entanto, isolei-me no quarto para escrever à mão um livro de contos. Hesitei por muito tempo em voltar à frente de uma máquina, mesmo hoje os computadores não me agradam. Durante esse período, comecei a beber e a fumar, mamãe reclamou; teve-me como vagabundo, insistindo em me renegar, mas, na minha primeira febre, se redimiui. Na reconciliação, pedi que eu arranjasse um emprego, lembrando-me da época em que eu a orgulhava. E sim, atendi ao seu suplício, tornei-me jornalista. O meu livro? Um lixo, ninguém deu bola pra ele, mas tive certo sucesso ao redigir artigos de opinião numa coluna cultural.

Certa noite, chegando em casa às onze, liguei a TV para não tomar sopa sozinho e quando percebi havia sobre a mesa uma correspondência. Incrível, em plena era do correio eletrônico, alguém se deu ao trabalho de debruçar seus dedos sobre o papel para dizer algo, fosse lá o que fosse. Por um instante, me tive receoso, a têmpera como se rachasse de tanto tremer e, largando o prato, abri o envelope prateado já procurando com os olhos o isqueiro, porém me contive. Não estava pronto, nem para amar nem desprezar aquela cali-

grafia de não sei quem, muito menos lancei sobre ela alguma leitura automática. Então, resolvi agir com indiferente apatia: guardei-a dentro de um baú velho e atirei pela janela as chaves. Não, nem o remorso nem a curiosidade ficaram para depois. Apenas o esquecimento, talvez.

ELA NÃO É MULHER PRA CASAR

Ela não é mulher pra casar, meu filho. Veja como ela se espalha pela vida, sem nenhum pudor. Sem medo dos olhos alheios. Sem receio de que a sua imagem se torne justamente aquilo que mais se repugna numa mulher. Ela não é mulher pra casar. Veja que ela não é como a sua mãe ou como a sua avó. Ela jamais vai aceitar passivamente que seja um homem, até porque ela mesma nem mulher é. Eu desconheço o que seja. Que espécie de ser humano chega em casa bêbada de madrugada e, no outro dia, consegue ir trabalhar sem olheiras e de salto? Ela não é mulher pra casar. Ela não questionaria, por exemplo, suas saídas pro futebol ou pro chope com os amigos. Que mulher acharia isso normal? Isso porque, no mínimo, deva ter suas aventuras. Ela não é mulher pra casar, meu filho. Preste atenção no que dizem todos esses movimentos de minorias e onde ela está! Ela deveria estar em casa, cuidando dos seus interesses, mas prefere estar na rua, fazendo o quê? Ela não é mulher pra

casar. Ela não honraria uma aliança no dedo ou uma assinatura na apólice. Ela faria chacota quando você estivesse de saco cheio de tudo e não hesitaria em lhe pedir o divórcio. Ela não é mulher pra casar porque não demonstra ter apego por infelicidade, e mulheres assim são um perigo. E mesmo que ela diga que te ama, pense: que amor se sustentaria nesse espaço de não resignação que ela institui? De liberdade, paciência, de amor, simplesmente? Ela não é mulher pra casar porque ela desperta muitas paixões. A exemplo, a minha, e você não vai querer a sua mulher sendo cobiçada pelo seu próprio pai.

Este livro foi feito através de um financiamento coletivo pelo Catarse.

Capa impressa em Papel Couché Fosco 300g/m²
e Miolo em papel Polén Soft 80 g/m².
Tipografia utilizada: Rift e Edita.

"Ela não é bem a mulher pra casar
e ser a mãe dos meus filhos,
mas, de certa forma, eu a amo.
Longe de mim, é claro.
Pois ela bebe além da conta,
é muito autodestrutiva
e prega uma liberdade que,
na verdade, é mero pretexto
pra cair sem culpa na putaria".

Vanessa Teodoro Trajano

Parceria



poesia
em
moldura.

Patrocínio



INSTITUTO PIAUIENSE DE OPINIÃO PÚBLICA

